

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

SIMONE MORAIS LIMONTA

AS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELO CONECTIVO E NO TEXTO
VISÃO DE TÚNDALO (SÉCULO XIII-XIV)

MARINGÁ – PR
2012

SIMONE MORAIS LIMONTA

AS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELO CONECTIVO E NO TEXTO
VISÃO DE TÚNDALO (SÉCULO XIII-XIV)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Regina Pante

MARINGÁ – PR
2012

SIMONE MORAIS LIMONTA

AS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELO CONECTIVO E NO TEXTO
VISÃO DE TÚNDALO (SÉCULO XIII-XIV)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Maria Regina Pante
Universidade Estadual de Maringá – UEM
Presidente da Banca – Orientadora

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof^a. Dra. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria de Lurdes
Morais Limonta e Luis Carlos Limonta

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar durante todo o percurso do mestrado;

À minha mãe, por me apoiar em todos os momentos difíceis e por vibrar comigo a cada conquista;

Ao meu pai, por estar presente quando eu precisei de conselho e de carinho;

Às minhas amigas e aos meus amigos pela amizade, por me ouvirem e me divertirem quando estava cansada e preocupada;

À minha orientadora, Maria Regina Pante, pela orientação, pelos ensinamentos e por aceitar minha sugestão de trabalhar com a teoria da RST;

Aos professores convidados para a participação na Banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Aparecida Feola Sella e Professor Doutor Juliano Desiderato Antonio por atenderem ao convite;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos ensinamentos passados durante as disciplinas.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela atenção e pela paciência;

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão de bolsa de estudo.

Esses que pensam que existem sinônimos, desconfio que não sabem distinguir as diferentes nuances de uma cor.

Mário Quintana

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar as relações retóricas estabelecidas pelo conectivo E em um *corpus* constituído de um texto do português arcaico. Os objetivos específicos são analisar com que frequência cada relação ocorre, investigar se há outras marcas formais que acompanham cada relação e analisar a posição do núcleo e do satélite. A hipótese é de que o conectivo E estabeleça várias relações retóricas, assim como ocorre no português contemporâneo. Para tanto, analisamos o texto a partir dos seguintes procedimentos: realizamos um levantamento de quantas vezes cada relação ocorreu no texto, observamos a posição do núcleo e do satélite presente nas relações e se há outras marcas formais que acompanham o E na estrutura gramatical, as quais auxiliam na determinação do tipo de relação. Como resultado, observamos que no texto emergem as relações de Sequência, Lista, Contraste, Resultado, Causa, Motivação e Propósito e que as de Sequência e de Lista ocorrem em maior número que as demais. A posição do núcleo e do satélite se mantém de acordo com o tipo de relação e, nessas relações, somente a de Resultado não apresentou, em todas as ocorrências, marca formal que ajudasse a defini-la. Esses resultados indicam que, desde o período arcaico da língua, o conectivo E estabelece relações retóricas que extrapolam as relações de Lista e de Sequência, embora essas duas relações ainda sejam as mais recorrentes, reafirmando que o E possui um valor muito forte de sequenciador e de listagem de porções textuais.

Palavras-chave: português arcaico; RST; conectivo E, relações retóricas; marca formal.

ABSTRACT

The objective from this work is to propose an investigation from the relations established by E on archaic Portuguese corpus. The specific objectives are to analyze how often each relation occurs, if there are other marks that accompany each formal relation and analyze the position of the nucleus and satellite. The hypothesis is that the connective E establish various rhetorical relations, so, we based our work on the following steps: we did a survey of how many times each relations occurred in the text, we observe the position of the nucleus and satellite present in relations and observe if there are other words or expressions that accompany the E in grammatical structure and help to establish the relation type. As a result, we observe that the text emerge relations Sequence, List, Contrast, Result, Cause, Motivation and Purpose. The Sequence and List occur in greater numbers than the rest. The position of the nucleus and the satellite keep the same according to the type of relationship, and those relation, not only the result showed, in all instances had formal marks that helped define it. These results indicate that since the language archaic period E establishes the connective relationships that go beyond the rhetorical List and Sequence, even though these two relationships are the most recurrent. This fact reaffirms that E is a very strong in link sequence and lists portions of text.

Key words: archaic Portuguese; RST; connective E; rhetorical relations, formal marks.

LISTA DE FIGURAS

Diagrama 1. Esquema de relação núcleo-satélite.....	24
Diagrama 2. Esquema de relação multinuclear.....	24
Diagrama 3. Porções de texto estabelecendo relação de causa.....	24
Diagrama 4. Porções de texto estabelecendo relação de resultado.....	25
Diagrama 5. Porções de texto estabelecendo relação de sequência.....	25
Diagrama 6. Porções de texto estabelecendo relação de propósito.....	26
Diagrama 7. Porções de texto estabelecendo relação de propósito.....	27
Diagrama 8. Porções de texto estabelecendo relação de sequência.....	27
Diagrama 9. Tela do RSTTool – Criação da relação de propósito.....	39
Diagrama 10. Relação de sequência.....	54
Diagrama 11. Relação de sequência.....	54
Diagrama 12. Relação de sequência.....	54
Diagrama 13. Relação de lista.....	55
Diagrama 14. Relação de lista.....	55
Diagrama 15. Relação de lista.....	56
Diagrama 16. Relação de resultado.....	57
Diagrama 17. Relação de resultado.....	57
Diagrama 18. Relação de resultado.....	57
Diagrama 19. Relação de contraste.....	58
Diagrama 20. Relação de contraste.....	59
Diagrama 21. Relação de causa.....	60
Diagrama 22. Relação de causa.....	60
Diagrama 23. Relação de motivação.....	61
Diagrama 24. Relação de motivação.....	61
Diagrama 25. Relação de propósito.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Definição da relação de condição.....	23
Quadro 2. Fases da Língua Portuguesa.....	33
Quadro 3. Descrição da relação de sequência.....	53
Quadro 4. Descrição da relação de lista.....	55
Quadro 5. Descrição da relação de resultado.....	56
Quadro 6. Descrição da relação de contraste.....	58
Quadro 7. Descrição da relação de causa.....	59
Quadro 8. Descrição da relação de motivação.....	61
Quadro 9. Definição da relação de propósito.....	62
Quadro 10. Dados da análise I.....	63
Quadro 11. Dados da análise II.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.1 O surgimento da Linguística moderna e de novas vertentes linguísticas.....	15
1.2 Formalismo x funcionalismo.....	16
1.3 Teoria da Estrutura Retórica (RST)	19
CAPÍTULO II. Contextualização do <i>corpus</i> e procedimentos metodológicos.....	28
2.1 A Igreja Católica na Idade Média.....	28
2.1.1 Literatura hagiográfica	30
2.1.2 A periodização do português arcaico	32
2.2 O corpus	35
2.3 Diagramas da estrutura retórica do texto.....	38
2.4 Elementos de análise	39
CAPÍTULO III. A CONJUNÇÃO E.....	40
3.1 A conjunção E.....	40
CAPÍTULO IV. ANÁLISE DOS DADOS.....	53
4.1 Relações encontradas.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXO.....	70

INTRODUÇÃO

Antes da publicação póstuma da obra de Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale* (CLG), em 1916, os estudos linguísticos voltavam-se, basicamente, para a evolução da língua, considerando como nível máximo de análise a frase.

Após a publicação do CLG, os estudos linguísticos foram se consolidando e surgiram duas vertentes: o *formalismo* e o *funcionalismo*; entre os primeiros estão o Estruturalismo e o Gerativismo; entre os segundos estão, por exemplo, a Pragmática, a Sociolinguística e a Linguística Textual.

Em princípio, a diferença entre essas duas vertentes reside no fato de que, enquanto os formalistas se preocupam com a descrição da língua de forma descontextualizada, os funcionalistas, grosso modo, voltam seu foco para a língua em uso, de maneira que o texto e o discurso, bem como as intenções comunicativas do falante, passam a ser considerados objetos de investigação da Linguística.

Segundo Halliday (1978), nos estudos de cunho funcionalista, a Pragmática desempenha uma importante função, visto que ela auxilia no entendimento da organização interna das línguas naturais e das relações existentes entre linguagem e contexto.

Desse modo, nos estudos funcionalistas, os fatores pragmáticos são relevantes para a análise das expressões linguísticas; elas não são empregadas de forma isolada, e sim atendendo a determinados propósitos do produtor do texto. Assim, ao elaborar seu texto/discurso, o produtor objetiva atingir determinados propósitos de comunicação em relação ao seu destinatário, ora para persuadi-lo, ora para levá-lo a acreditar em seu ponto de vista ou fazê-lo concordar com sua opinião.

Dentre as diversas possibilidades de análise linguística de cunho funcionalista, está a que propõe a análise das relações retóricas que se estabelecem entre orações e entre porções maiores do texto, de modo a conferir se ele está estruturado de forma coerente, se o seu produtor foi capaz de expressar suas intenções ao produzir seu texto e se ele atingiu seus objetivos (persuadir, convencer o leitor etc).

Trata-se da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – doravante RST), desenvolvida na década de 1980 pelos linguistas William Mann,

Christian Matthiessen e Sandra Thompson, dentre outros. De caráter descritivo, analisa tanto as relações estabelecidas por marcas formais entre orações do texto (microestrutura textual) quanto as relações retóricas implícitas que se estabelecem entre porções maiores do texto (superestrutura).

Não se trata, na verdade, de uma teoria, e sim de uma proposta de análise das relações retóricas que emergem entre as porções textuais ou entre orações. A RST apóia-se em critérios funcionais, semânticos e pragmáticos para tentar reconhecer as porções de texto e as relações presentes entre elas. Trata-se, no entanto, de análise pautada na plausibilidade, visto que o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que ele foi produzido, entretanto não tem acesso direto ao seu produtor, fato que não lhe permite ter a certeza absoluta de que sua análise está correta. (MANN; THOMPSON, 1988).

Em vista disso, Gómez-González e Taboada (2005) esclarecem que cabe ao analista da RST não só identificar de forma clara as relações marcadas formalmente, mas também interpretar corretamente as relações implícitas entre as porções textuais, para ele não tire conclusões errôneas de sua análise.

Esse breve panorama se presta a situar a presente pesquisa entre as de cunho funcionalista, mais especificamente, entre as que adotam a RST. Nosso objetivo geral é investigar as relações retóricas estabelecidas pelo conectivo *E* em um texto narrativo pertencente ao português arcaico (séculos XIII-XIV).

A escolha de apenas um texto não foi fortuita: em princípio, nossa intenção era utilizar mais de um texto em prosa pertencente ao início da formação da língua portuguesa e restringir as relações a serem observadas, no intuito de cotejá-las em busca de aproximações ou de distanciamentos de uso do conectivo *E*.

Entretanto, não nos foi possível obter esses *corpora*, seja pela escassez de textos, seja pela dificuldade em consultá-los em bibliotecas de obras raras. Mesmo aquelas que já possuem obras digitalizadas não dispõem de textos do período em questão, a exemplo do site de onde retiramos nosso *corpus*.

Encontramos outros textos do mesmo período ou de século anterior (XII), entretanto, trata-se de fragmentos de textos notariais e forais, todos ainda com muitas características da língua latina, o que inviabiliza a nossa pesquisa com dados apenas do português arcaico.

Em vista dessa dificuldade, optamos pela escolha de apenas um texto narrativo pertencente ao período de transição entre os séculos XIII e XIV e, para

compensar a falta de outros *corpora*, decidimos analisar todas as ocorrências do conectivo E, de modo a ilustrar o seu emprego nesse recorte sincronia.

Além desse objetivo geral, os objetivos específicos são: ampliar as pesquisas já realizadas com a RST; ampliar as pesquisas com corpora do português arcaico; e identificar as marcas linguísticas que auxiliam na identificação das relações retóricas estabelecidas pelo E.

Justificada a nossa escolha e apresentados os objetivos geral e específico, passamos a detalhar de que como ocorreu o desenvolvimento desta pesquisa que contribuirá com as pesquisas em perspectiva sincrônica e diacrônica, e ampliará os resultados obtidos por outras pesquisas de base funcionalista com RST, obtidos, por exemplo, por RUBIO (2011), que se propôs a investigar as relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado desse mesmo conectivo em um *corpus* oral do português brasileiro contemporâneo.

A estrutura do trabalho está dividida em: Introdução, *Fundamentação Teórica* (capítulo I), *Contextualização do corpus e Procedimentos Metodológicos* (capítulo II), *O conectivo E* (Capítulo III), *Discussão das Ocorrências* (capítulo IV) e *Considerações finais*.

No capítulo I, apresentamos um breve panorama acerca das contribuições de Saussure para o surgimento da linguística moderna, das vertentes formalista e funcionalista, dentre elas o Funcionalismo e, em seu interior, a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST)

No capítulo II, contextualizamos historicamente o período no qual se insere o *corpus* de análise e, em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados.

No capítulo III, revisitamos leituras de autores diversos a respeito do conectivo E, ampliando esse panorama com dados do português arcaico.

No capítulo IV, apresentamos a análise realizada, com a quantificação das ocorrências, bem como as marcas formais que ocorrem junto ao conectivo E.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos as conclusões a que chegamos após a análise dos dados.

CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, tecemos comentários acerca da importância dos postulados de Ferdinand de Saussure para o surgimento da linguística moderna e de duas vertentes dos estudos linguísticos: o *formalismo* e o *funcionalismo*. No interior deste último, encontra-se a Teoria da Estrutura Retórica, que aplicamos na análise do *corpus* escolhido como objeto de estudo.

1.1 O surgimento da Linguística moderna e de novas vertentes linguísticas

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é, reconhecidamente, o fundador do Estruturalismo e precursor da linguística moderna. Suas ideias, presentes na obra póstuma *Cours de linguistique générale* (CLG), serviram de base para o surgimento da linguística estrutural.

Dentre as diversas contribuições, as mais difundidas são as “dicotomias saussureanas”, dentre as quais destacamos, justificadamente, *língua x fala* e *sincronia x diacronia*, aquela porque remete diretamente aos estudos de cunho funcionalista, que prioriza a língua em uso; esta porque apresenta uma ruptura que não mais é praticada pelos estudos funcionalistas que, muitas vezes, adotam, inclusive, a *pancronia*, entendida, grosso modo, como a intersecção dos aspectos sincrônico e diacrônico.

A dicotomia língua (*langue*) x fala (*parole*) acabou por definir o objeto de estudo da linguística moderna: a *língua*, visto que ela é abstrata, homogênea e sistemática, e, portanto, passível de análise interna, ao contrário da fala, que é concreta, heterogênea, assistemática, características que dificultam essa análise. (SAUSSURE, 1973)

A esse respeito, segundo Martelotta (2009),

a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. O entendimento saussureano é o de que a língua corresponde à parte essencial da linguagem e constitui o *tesouro* – um sistema gramatical – depositado virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade lingüística. [...] Diferentemente, a fala

constitui o uso individual do sistema que caracteriza a língua. (MARTELOTTA, 2009, p. 116)

A dicotomia *sincronia* x *diacronia* rompe com a tradição linguística de estudar a língua sob a perspectiva histórico-comparativa. Desse modo, a proposta de Saussure foi pesquisar a estrutura das línguas, e não mais o modo como elas mudavam. (WEEDWOOD, 2002). Ou seja, ele passou a focar um determinado estado da língua (*sincronia*), abandonando a sua história (*diacronia*); voltou-se para a compreensão de como as línguas funcionam, e não como se modificam ao longo do tempo.

As dicotomias propostas por Saussure, bem como seus métodos investigativos, resultaram em várias implicações nas correntes linguísticas posteriores, fazendo emergir duas grandes tendências: o *formalismo* e o *funcionalismo*, os quais, grosso modo, estão relacionados, respectivamente, aos que seguiram o linguista e aos que, de alguma forma, contrariaram-no, surgindo, a partir desses diversos pontos de vista, várias correntes linguísticas. (MARTELOTTA, 2009)

1.2 Formalismo x funcionalismo

A vertente formalista, na qual se inserem o Estruturalismo¹ e o Gerativismo, considera a língua um objeto descontextualizado, sem relação com o contexto ou o meio; interessa-lhe apenas a forma e as características internas da língua (DILLINGER, 1991). Essa vertente exclui, portanto, o estudo do uso efetivo da língua e as suas dimensões sócio-históricas de produção.

Segundo Neves, os formalistas se preocupam

com características internas – seus constituintes e as relações entre eles -, mas não com as relações entre os constituintes e seus significados, ou entre a língua e seu meio; chegam-se, então, à concepção de língua como um ‘conjunto de frases’, ‘um sistema de sons’, ‘um sistema de signos’, equiparando, desse modo, a língua à sua gramática (NEVES, 2001, p. 41).

¹ Segundo PIOVEZANI (2008), as ideias de Saussure, baseadas no princípio estrutural, refletiram em outras áreas, tais como a Sociologia, a Antropologia, a História, a Psicanálise etc, motivo pelo qual se deve afirmar que há *estruturalismos*, e não apenas *Estruturalismo saussureano*.

Convém ressaltar que há diferenças entre Estruturalismo e Gerativismo. Por exemplo, a par da dicotomia *língua x fala* de Saussure, o Gerativismo, cujo fundador foi o linguista Noam Chomsky, propõe a dicotomia *competência x performance*.

Segundo Chomsky (1957), os enunciados são formulados, em parte, por determinação do cérebro do falante, na esfera que corresponde à linguagem. A linguagem, portanto, é considerada uma propriedade inata ao homem. A *competência* é entendida como o conhecimento internalizado que o falante tem de sua língua, ou seja, o conhecimento de um conjunto de regras que se encontra disponível em sua mente no uso da linguagem. A *performance*, por seu turno, concerne à maneira como o falante utiliza a linguagem, aí envolvidos aspectos extralinguísticos, tais como: ambiente, interlocutores e sociedade (BORGES NETO, 2004).

Além disso, um outro aspecto do Gerativismo consiste no fato de que a linguagem humana é capaz de produzir infinitas construções a partir de meios finitos. Ou seja, Chomsky estipulou a possibilidade de um conjunto infinito de objetos a ser descrito a partir de um conjunto finito de regras ou enunciados gerais (BORGES NETO, 2004).

Segundo Martelotta,

os gerativistas perceberam que as infinitas sentenças de uma língua eram formadas a partir de aplicações de um finito sistema de regras (a gramática) que transformava uma estrutura em outra (sentença ativa em sentença passiva, declarativa em interrogativa, afirmativa em negativa, etc) – e é precisamente esse sistema de regras que, então, se assumia como o conhecimento lingüístico existente na mente do falante de uma língua, o qual deveria ser descrito e explicado pelo lingüista gerativista. (MARTELOTTA, 2006, p. 131)

Diante disso, fica clara a afirmação de que, ao contrário dos estruturalistas, que se baseiam nas diferenças, o Gerativismo foca a semelhanças, defendendo os princípios universais presentes em todas as línguas. A língua é vista como um conjunto infinito a partir de um conjunto finito de elementos. Nesse contexto, a sintaxe tem importância primordial nos estudos de cunho gerativista, pois é a partir dela que são geradas as orações. (BORGES NETO, 2004).

A vertente funcionalista, ao estudar a função da língua na sociedade, procura preencher um campo ignorado pelas correntes linguísticas de vertente formalista. Os

funcionalistas consideram a relação entre língua e uso, entre língua e contexto social, entre língua e sociedade, ocupando-se da função desempenhada pelas formas da língua, ultrapassando, portanto, a preocupação com sua estrutura interna. (PEZATTI, 2004).

A linguística funcional, ou Funcionalismo, corrente linguística por nós adotada, concebe a língua como um instrumento de comunicação e, em sua análise, considera tanto o contexto quanto a situação extralinguística. Desse modo, nas várias situações comunicativas em que se encontram, os interlocutores desempenham funções, as quais acabam por influenciar o próprio sistema da língua, pois a comunicação exige que o falante utilize expressões mais adequadas para cada tipo de situação (HALLIDAY, 1978).

Segundo Halliday (1978, p. 158), “a organização interna da língua não é acidental; ela incorpora as funções que a língua desenvolveu para servir na vida do homem social”. Por isso, a organização interna da língua natural pode ser melhor explicada à luz das funções sociais, papel desempenhado pela Pragmática, disciplina que analisa as relações existentes entre linguagem e contexto. Ou seja, analisa a fala da forma como é empregada na comunicação diária. Seu interesse volta-se para a efetiva comunicação, para os reais efeitos daquilo que se pretende no momento em que se fala (LEVINSON, 1983).

Quanto à análise linguística de cunho funcionalista, esta se caracteriza por propor que a língua desempenha funções exteriores ao sistema linguístico em si e que as funções externas influenciam a organização interna desse sistema (CUNHA, 2009). Segundo, Pezzati (2004, p. 167), “a linguagem é vista como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções, que são, em última análise, comunicativas”, ou seja, a linguagem se adapta ao uso.

Segundo Van Valin (2002), a língua é, primeiramente, uma ferramenta de interação verbal, e suas propriedades deveriam, se possível, ser interpretadas e explicadas de acordo com as condições impostas pelo seu uso. De acordo com essa afirmação, o autor entende que o sistema linguístico não pode ser tomado como um conjunto de regras e de princípios autônomos e que esses princípios só podem ser considerados em um segundo momento.

Assume-se, dessa forma, que as regras e os princípios que compõem o sistema da linguagem só podem ser adequadamente entendidos quando são

analisados em termos de condições de uso. Nesse sentido, o estudo do uso da linguagem precede o estudo do formal e das propriedades semânticas das expressões linguísticas.

A autora acrescenta que os funcionalistas estudam a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas e a relação entre linguagem e sociedade. Esses pesquisadores buscam, na situação comunicativa, a motivação para os fatos da língua, os quais são usados para análise de dados reais de fala ou escrita, retirados de contextos efetivos de comunicação. Nesse contexto, em que as regras da gramática são modificadas pelo uso, *variação* e *mudança linguística* são temas de interesse do Funcionalismo, o que significa não admitir separações entre sistema e uso. (PEZATTI, 2004).

Considerados os diferentes pontos de vista em relação à língua para formalistas e funcionalistas, cabem aqui alguns comentários. Dik (1978; 1987; 1989), por exemplo, emprega as expressões *paradigma formal* e *paradigma funcional* para referir-se a essas duas vertentes, respectivamente. Assim, no paradigma formal, a linguagem é autônoma e alheia aos modos de uso, ao passo que, no paradigma funcional, as expressões linguísticas não são arbitrárias, e sim determinadas de acordo com os determinantes pragmáticos da comunicação humana.

Segundo Leech (1983) essas duas abordagens diferem na forma como veem a natureza da linguagem: para os formalistas (Chomsky, por exemplo), a linguagem é um sistema autônomo, um fenômeno mental, uma herança linguística genética comum da espécie humana, ao passo que, para os funcionalistas, ela é primariamente social, uma derivação da universalidade dos usos da linguagem nas sociedades humanas e deve ser analisada de acordo com sua função social.

Nesta dissertação, utilizamos o Funcionalismo da Costa Oeste, desenvolvido na Universidade de Santa Bárbara, Califórnia, na Costa Oeste dos Estados Unidos, cuja postura está inserida no Funcionalismo mais extremado, pois defende que as relações gramaticais emergem do discurso.

1.3 Teoria da Estrutura Retórica (RST)

A Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory*, doravante RST) resultou do trabalho de investigação em geração automática de texto, realizado por

uma equipa de investigadores do Instituto de Ciências da Informação (Information Sciences Institute) da University of South Califórnia, na década de 80².

A RST foi desenvolvida para programar a geração automática de textos, pois, ao trabalhar na escrita de textos assistida por computador, a equipe de pesquisadores (Bill Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen) observou que não havia uma ferramenta que permitisse descrever o texto em detalhes. Para tanto, observaram-se textos previamente preparados e editados, vindos de diversas fontes.

Segundo Haiman e Thompson (1988), buscam-se, por meio da RST, interpretações gramaticais da combinação de orações, as quais façam sentido funcional, ou seja, permitam identificar a função de determinada relação retórica no discurso. Não há controvérsias de que o discurso é coerente, ou seja, de que as suas partes se unem para formar o todo. Logo, existe uma organização, ou melhor, relações retóricas entre partes do texto (macroestrutura).

Para Taboada (s/d), os falantes, ao construírem um texto, alguma instância discursiva ou mesmo uma sentença, escolhem entre um leque de alternativas, as quais relacionam duas porções do texto. As duas partes do texto que são unidas podem figurar como uma unidade, em uma outra relação, fazendo o processo recursivo ao longo do texto de onde se originam as relações retóricas. Essas relações são essenciais para a função do texto como um meio para o escritor alcançar determinados objetivos. Elas envolvem todas as orações não encaixadas no texto e formam um padrão de relações que conecta todas as cláusulas.

Segundo Mann e Thompson (1987), como uma moldura descritiva para o texto, a análise da estrutura retórica proporciona uma combinação de características que tem se mostrado útil em diversos gêneros e tipologias textuais. A RST proporciona um modo geral de descrever as relações entre cláusulas no texto, independentemente de elas serem gramatical ou lexicalmente marcadas. Ou seja, nem sempre uma relação retórica é evidenciada por uma marca formal no texto.

A RST, portanto, analisa a organização textual a fim de caracterizar as relações que se estabelecem entre as partes do texto. Ao analisar um texto por essa perspectiva, considera-se que cada parte deve desempenhar uma função no interior do texto para que o seu produtor atinja os objetivos esperados (MANN; THOMPSON, 1988),

² Disponível em <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>>.

Essas partes se organizam de maneira *top-down* ao longo do texto, até formar uma unidade compreensível e coerente. Para tanto, as relações retóricas se organizam da seguinte forma: em um texto coerente, cada parte sua estará ligada a outra, estabelecendo, assim, uma relação. As relações se organizam de acordo com a dependência entre uma e outra, podendo ser uma relação núcleo-satélite ou multinuclear (MANN; THOMPSON, 1988).

As relações do tipo multinuclear são aquelas que possuem partes de textos unidas por meio de núcleos e ambas as partes têm o mesmo estatuto, ou seja, não há uma porção central. No caso das relações núcleo-satélite, temos duas porções de texto em que uma delas traz a informação principal e a outra traz a informação secundária, um complemento para sua compreensão (MANN; THOMPSON, 1988).

Em todo texto com relações núcleo-satélite, determinadas porções realizam os propósitos centrais do escritor, enquanto outras realizam objetivos que são suplementares ou ancilam os propósitos principais. Isto é, a parte nuclear é aquela que apresenta a informação principal, enquanto o satélite é o que apresenta a informação secundária. Notamos que unidades retóricas definidas como núcleo-satélite ocorrem no texto em ambas as sequências: núcleo-mais-satélite e satélite-mais-núcleo (MANN; THOMPSON, 1988).

Quanto à terminologia das definições, N diz respeito ao núcleo e S, ao satélite, A, ao autor e L, ao leitor ou ouvinte (MANN; THOMPSON, 1988).

Cada um dos elementos da definição está implicitamente integrado em uma fórmula fixa do tipo: *É plausível para o analista que foi plausível para o autor que...*³, pois não há como afirmar com certeza qual a relação pretendida pelo autor (MANN; THOMPSON, 2010).

Conforme Mann e Thompson (1988), há quatro tipos de mecanismos utilizados pela RST: **relações, esquemas, aplicações dos esquemas e estruturas**. As relações identificam um tipo particular de relacionamento que pode ocorrer entre duas porções de texto. Com base nelas, os esquemas definem padrões nos quais uma porção particular do texto pode ser analisada em termos de outras porções. A aplicação das convenções do esquema define os modos como um esquema pode ser instanciado, com um pouco mais flexibilidade do que instâncias

³ Informação retirada do site: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>.

parte-por-parte. A noção de estrutura do texto todo é definida em termos de aplicação da composição dos esquemas.

A definição da relação consiste em quatro passos:

1. restrição no núcleo;
2. restrição no satélite;
3. restrição na combinação do núcleo e satélite;
4. o efeito.

Cada passo especifica julgamentos particulares que o analista do texto deve fazer para construir a estrutura de RST. Dada a natureza da análise do texto, esses julgamentos são de plausibilidade. No caso do efeito, o analista está julgando se é plausível que o escritor deseje a condição especificada (MANN; THOMPSON, 1988).

Nessa visão de análise, o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto no qual foi escrito e compartilha das convenções culturais do escritor e do público esperado, mas não tem acesso direto ao escritor ou a outros leitores (MANN; THOMPSON, 1988).

As relações trazem as condições que unem as porções do texto; portanto essas relações ocorrem ao longo de todo o texto. Para definirmos uma relação, é necessário que se levem em conta quatro condições:

a) **restrição sobre o núcleo ou condição em núcleo individualmente**: apresenta as informações a respeito do conteúdo do núcleo que devemos levar em conta ao classificarmos determinada porção de texto. Essa informação pode ser uma ação ou uma atitude do autor em relação ao núcleo ou ação ou compreensão do leitor.

b) **restrição sobre o satélite ou condição em satélite individualmente**: apresenta as informações a respeito do conteúdo do satélite que devemos levar em conta ao classificar determinada porção de texto. Essa informação pode trazer o núcleo como causador do satélite ou se a ação contida no satélite foi ou não realizada ou se essa ação é hipotética.

c) **restrição sobre a combinação entre o núcleo e o satélite ou condições em núcleo mais satélite:** apresenta as informações a respeito do conteúdo da combinação núcleo mais satélite que devemos levar em conta ao classificarmos determinada porção de texto. Essa informação pode ser: se o núcleo foi a causa do satélite; se o impedimento apresentado em uma das partes é fundamental para a realização do que se encontra na outra; ou se é necessária a realização de um para a concretização da ação no outro.

d) **efeito ou intenção do autor:** apresenta qual é o efeito que a relação deveria causar no leitor, segundo a intenção do autor. Essa informação pode ser: a necessidade de o leitor reconhecer que o satélite foi consequência do que ocorreu no núcleo.

Essas condições podem ser observadas no quadro 1 abaixo com a relação de *condição*:

Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Condição	Em S: S apresenta uma situação hipotética ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S.	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S

Quadro 1. Definição da relação de condição (MANN; THOMPSON, 2010).

Os esquemas, segundo Mann e Thompson (1988), são padrões que definem as maneiras possíveis de relacionar as porções de texto, seja para formar uma porção maior ou todo o texto. As figuras 1 e 2 ilustram esquemas com essas possíveis formas de relação das porções de texto:

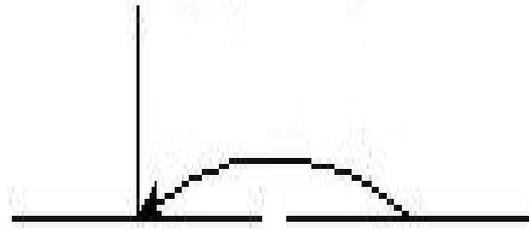


Diagrama 1. Esquema de relação núcleo-satélite

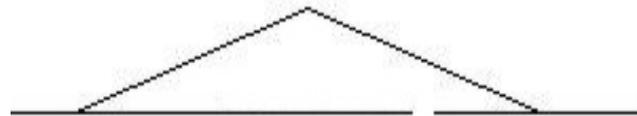


Diagrama 2. Esquema de relação multinuclear.

Segundo os autores (1988, p. 247), “as curvas representam as relações estabelecidas, as linhas horizontais representam as porções de texto e as linhas verticais representam os núcleos”. São utilizadas três convenções para a aplicação dos esquemas:

a) **não existe uma ordem fixa para os esquemas:** constatamos, na figura 3 abaixo, que a oração satélite de causa ocorre antes do núcleo e, na figura 4, o satélite ocorre depois do núcleo.



Diagrama 3. Porções de texto estabelecendo relação de causa.

[e vendo tão má visão, ficou muito espantada]



Diagrama 4. Porções de texto estabelecendo relação de resultado.

[são aqueles que receberam sacrifícios por amor a Deus e por isso recebem tanta honra como vê]

b) **uma relação, pelo menos, deve se estabelecer nas relações multinucleares:** na figura 5, o esquema é composto por três orações em relação de sequência.

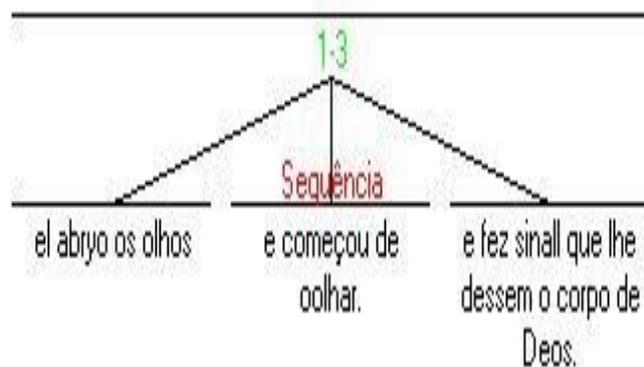


Diagrama 5. Porções de texto estabelecendo relação de sequência.

[ele abriu os olhos e começou olhar e fez sinal para que lhe dessem o corpo de Deus]

b) **uma relação pode aparecer várias vezes em um mesmo esquema:** na figura 6, temos o esquema de núcleo-satélite ocorrendo duas vezes com a relação de propósito.

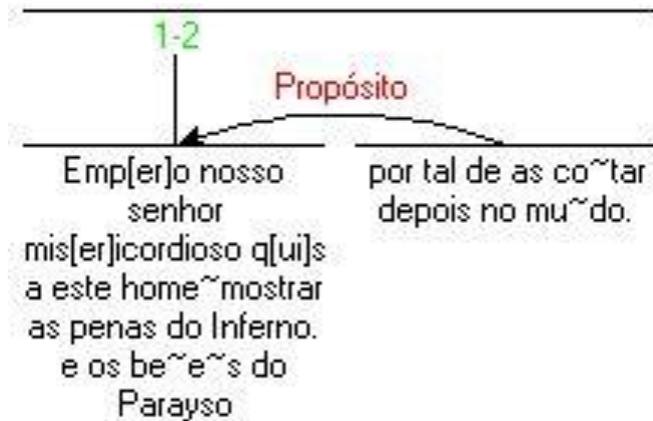


Diagrama 6. Porções de texto estabelecendo relação de propósito.

[No entanto, nosso Senhor misericordioso quis mostrar para esse homem os sofrimentos do inferno e as coisas boas do paraíso, para que ele contasse depois ao mundo.]

A estrutura é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções sucessivamente maiores do texto. Essas relações são representadas pelo diagrama arbóreo nas figuras acima: na figura 4, temos a relação núcleo-satélite de causa, apresentando a causa do núcleo, e a de resultado, apresentando a consequência do núcleo; na figura 5, temos a relação multinuclear de sequência, indicando a continuidade do texto; e, na figura 6, temos a relação de propósito, que objetiva mostrar a finalidade da situação presente no núcleo.

A descrição das relações é realizada conforme a intenção comunicativa do autor e da sua avaliação sobre o leitor. Para tanto, são utilizados critérios semânticos e funcionais a fim de identificar a função de cada porção de texto e verificar se o produtor do texto atingiu o objetivo desejado. Como o analista possui acesso ao texto e ao contexto, mas não ao autor, os julgamentos são de plausibilidade (MANN; THOMPSON, 1988).

As relações de coerência não ocorrem somente entre orações, mas também entre um grande número de porções discursivas, que a seu turno podem conter outras relações de coerência. Relações de assunto (como Causa, Propósito, Condição, Resumo) relacionam o assunto de duas porções de texto. As relações de apresentação (como Motivação, Antítese, Fundo e Evidência) são empregadas para facilitar a apresentação, normalmente para aumentar uma inclinação no leitor (desejo, conceito positivo sobre algo, crença). A diferença fundamental é se a

relação ocorre entre segmentos textuais que denotam relações verdadeiras com o mundo ou se a relação é para ser interpretada de um certo modo, mas não necessariamente refletindo uma relação real. (GOMEZ GONZÁLES; TABOADA, 2005)

Entretanto, essa análise ainda apresenta características das ciências exatas, o que a torna limitada e não lhe permite, por exemplo, apresentar, em um mesmo esquema, duas relações retóricas simultaneamente.

São exemplos dessa limitação quando ocorre sobreposição de relações as figura 7 e 8 a seguir:



Diagrama 7. Porções de texto estabelecendo relação de propósito.



Diagrama 8. Porções de texto estabelecendo relação de sequência.

Nesses exemplos, embora o mesmo excerto possa ser combinado de duas formas diferentes, foi necessário fazer análises independentes para mostrar as duas possibilidades. Ainda assim, entendemos que essa análise é válida, visto que apresentar duas relações expressas em uma mesma porção de texto por meio de dois esquemas não invalida essas relações.

CAPÍTULO II. CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, situamos o período em que se situa o *corpus* de análise: a influência da Igreja Católica na Idade Média e a literatura hagiográfica, a única difundida no período em questão. Também expomos alguns comentários acerca da periodização da língua portuguesa e, em seguida, o *corpus* de análise e os procedimentos metodológicos adotados.

2.1 A Igreja Católica na Idade Média

Com a expansão do feudalismo por toda a Europa Medieval, ocorreu a ascensão da Igreja Católica. Devido à expansão do cristianismo e à queda do Império Romano, a Igreja tornou-se a principal instituição a disseminar e a refletir os valores do cristianismo. Após o término do primeiro século, havia muitas interpretações da doutrina cristã, assim como se faziam presentes as religiões pagãs (ARAÚJO, s/d).

Segundo Araújo (s/d), por estar estabelecida em uma sociedade de forte religiosidade, a Igreja esteve nas mais variadas camadas da sociedade medieval. A própria organização da sociedade medieval (dividida em Clero, Nobreza e Servos) era um reflexo da Santíssima Trindade. Além disso, a vida terrena era desprezada em relação aos benefícios a serem alcançados pela vida nos céus. Dessa maneira, muitos dos costumes dessa época estavam influenciados pelo dilema da vida após a morte.

Os sacerdotes da Igreja eram divididos em categorias: os sacerdotes do Clero Secular eram os que viviam fora dos mosteiros, divididos em padres, bispos e outros; os sacerdotes do Clero Regular viviam nos mosteiros e obedeciam às regras de sua ordem religiosa; e, no topo estava o Papa, considerado o administrador político do Patrimônio de São Pedro ou do Estado da Igreja, logo, ele tinha o poder de acumular riquezas por meio de doações feitas pelos fiéis, principalmente quando essas doações eram propriedades (ARAÚJO, s/d).

Além de se destacar pela sua presença no campo das ideias, a Igreja também alcançou grande poder material. Durante a Idade Média, ela controlou

grande parte dos territórios feudais, transformando-se, com isso, em um potencial na economia imobiliária. Para manter seu patrimônio, passou a exigir o celibato (ARAÚJO, s/d).

A Igreja chegou a controlar um terço das terras férteis da Europa Ocidental, o que gerou reações no interior da própria Igreja, levando o Papa a envolver-se em diversos conflitos políticos com monarquias medievais; também havia protecionismo entre a Igreja e o Império Romano Germânico (ARAÚJO, s/d).

Essa situação fez que muitos homens ligados à Igreja se tornassem corruptos e outros viessem a se interessar apenas pelos assuntos religiosos sem envolvimento com a economia. Então, a Igreja se dividiu da seguinte forma: o clero secular administrava os bens da Igreja e a representava nas questões políticas; o clero regular era composto pelas ordens religiosas mais voltadas às práticas espirituais e à pregação de valores cristãos (ARAÚJO, s/d).

A Igreja também teve grande monopólio sob o mundo letrado daquele período. Exceto os membros a ela pertencentes, pouquíssimas pessoas eram alfabetizadas ou tinham acesso às obras escritas. Por isso, muitos mosteiros medievais preservavam bibliotecas inteiras onde grandes obras do Mundo Clássico e Oriental eram preservadas. São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, por exemplo, foram dois membros da Igreja que produziram tratados filosóficos que dialogavam com os pensadores da Antiguidade (ARAÚJO, s/d).

Por ser detentora do poder espiritual, a Igreja influenciava o modo de pensar, a psicologia e as formas de comportamento na Idade Média, além do seu já comentado forte poder econômico. Os monges viviam em mosteiros e eram responsáveis pela proteção espiritual da sociedade; passavam grande parte do tempo rezando e fazendo cópias de livros e da Bíblia (ARAÚJO, s/d).

Segundo Araújo (s/d), durante a Idade Média, a Igreja Católica conquistou e manteve grande poder, pois possuía poder econômico, poder político, poder jurídico e poder social. Por ser a religião única e oficial, ela não aceitava opiniões e posições contrárias aos seus dogmas. Aqueles que desrespeitavam ou questionavam as suas decisões eram perseguidos e punidos, tanto que foi criado o Tribunal do Santo Ofício, também conhecido como Inquisição no século XIII, para combater os hereges (contrários à religião católica). A Inquisição prendeu, torturou e mandou para a fogueira milhares de pessoas que não seguiam as suas ordens.

Por outro lado, ela preservou a cultura, pois os monges copistas dedicaram-

se a copiar e a guardar os conhecimentos das civilizações antigas, principalmente, dos sábios gregos (ARAÚJO, s/d).

2.1.1 Literatura hagiográfica

O *corpus* utilizado neste trabalho é a narrativa da vida de um santo; esse tipo de narrativa é conhecido como narrativa hagiográfica. Para Silva (s/d), as hagiografias são textos que tratam de santos visando a objetivos religiosos.

Fazem parte da literatura hagiográfica os textos martirológicos, necrológicos, legendários, as revelações (visões, sonhos, aparições, escritos inspirados etc.); as paixões, as vidas, os calendários, os tratados de milagres, os processos de canonização, os relatos de transladação e elevações (SILVA, s/d).

Trata-se de textos que têm como temática central a biografia, os feitos ou qualquer elemento relacionado ao culto de um indivíduo considerado santo, seja um mártir, uma virgem, um abade, um monge, um pregador, um rei, um bispo ou até um pecador arrependido (SILVA, s/d).

Esse tipo de literatura iniciou-se na igreja cristã primitiva, a partir de relatos oculares a respeito dos martírios sofridos pelos santos, mas sua consolidação ocorreu, de fato, na Idade Média em decorrência da expansão do cristianismo, por isso a produção de hagiografias foi intensa nesse período (SILVA, s/d).

Elas eram obras privadas e produzidas por eclesiásticos. O latim era a língua mais utilizada para esse fim, pois seus leitores eram clérigos regulares e seculares. Com as transformações ocorridas na Europa Ocidental, essas obras alcançaram um público maior ao serem traduzidas para várias línguas vernáculas (SILVA, s/d).

Segundo Dubois e Lemaitre (1993, *apud* FRASÃO DA SILVA, s/d),

o objetivo destas obras era múltiplo: propagar os feitos de um determinado santo, atraindo, assim, ofertas e doações para os Templos e Mosteiros que os tinham como patronos; produzir textos para o uso litúrgico, tanto nas missas como nos ofícios monásticos; para leitura privada ou como textos de escola; instruir e edificar os cristãos na fé; divulgar os ensinamentos oficiais da Igreja, etc. (Desta forma, tais textos eram importantes veículos para a propagação de concepções teológicas, modelos de comportamento, padrões morais e valores.

Esses textos apresentam diferenças na forma e na organização. Eles focam aspectos diferenciados da vida dos santos, podendo enfatizar a morte ou a vida, ou os milagres. Além disso, muitas obras foram sofrendo adaptações literárias ao longo do tempo e foram sendo reescritas, adaptadas e compiladas. Os ideais de espiritualidade e de santidade também sofreram modificações na Idade Média, transformando a própria hagiografia (SILVA, s/d).

O teor dessas obras hagiográficas geralmente foca o sofrimento pelo qual o monge deve passar para conquistar a santidade, pois esta não é um recebimento. Para merecê-la, ele tem de se autoimpor sofrimentos diversos, tanto físicos quanto espirituais (SILVA, s/d).

Além de o monge ter de se entregar à castidade, ao jejum, à pobreza e à penitência, ele também precisa, para atingir a santidade, tornar-se um eremita, partindo para o deserto, espaço em que combate o demônio. Nesse embate espiritual entre o bem e o mal, ao resistir ao demônio, torna-se santo. Ao adquirir a santidade, ele se torna capaz de exorcizar casas e pessoas, de curar enfermos e, inclusive, de interferir nos fenômenos da natureza. Trata-se de exemplos que ilustram a santidade do monge. Estes são exemplos de obras maléficas que foram vencidas pelo monge através de sua santidade (Deus, 2012).

Há três elementos fundamentais nos textos hagiográficos medievais: as ações realizadas em vida pelo santo e que retratam o seu desejo pela santidade, a morte vista como processo de aperfeiçoamento e, finalmente, os milagres *post-mortem*, como sinal do êxito e da comprovação da santidade desejada pelo santo (Deus, 2012).

Os textos hagiográficos não eram considerados textos canônicos ou teológicos, mas obras com caráter festivo, que objetivavam comemorar a vitória do santo contra o mal, o diabo e a morte. Eles eram lidos nas festas, nos refeitórios monásticos, nas escolas e em locais públicos, como praças (Deus, 2012).

Como afirma Deus (2012, p. 04),

As hagiografias desempenharão um papel de disseminação da figura do homem santo, reafirmando a prática da *parenesis*, que é a imitação. Serão um elemento instrutivo aos monges em sua formação cristã e persuadirão muitos laicos à conversão.

A autora acrescenta que os *exempla* tomam fatos conhecidos, quer pela tradição oral dos iletrados, quer pela tradição escrita dos clérigos, e ressignificam esses fatos sob a ótica cristã, cujo eixo central é a salvação da alma através e exclusivamente da vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo. Elas tinham a função edificante ao tornar real e palpável a vivência de ideais cristãos aos quais apenas o próprio Cristo, até então, tinha sido fidedigno. Segundo a autora, o cultivo do cristianismo é realizado por intermédio dos *exempla*, ou seja, por meio de testemunhos de vida de pessoas que se esmeraram em uma prática de vida perfeita (Deus, 2012).

De acordo com Pimentel (2010),

a conclusão a que se chegou levou à sistematização de um gênero literário não exatamente novo – pois o *exemplum* é uma manifestação da fábula da Antiguidade reconfigurada pela matriz cristã –, mas adaptado perfeitamente bem às necessidades de seus autores. Seu funcionamento baseava-se no princípio da *auctoritas*, isto é, no discurso legitimado pela Igreja que servia para exemplificar como viver e como não viver a fé cristã; por exemplo, episódios da vida de filósofos e reis e discursos de santos, mestres e outros "autorizados. (p.268-269)

2.1.2 A periodização do português arcaico

Ao situarmos divisões linguísticas em determinados períodos, corremos o risco de não sermos fiéis ao que realmente ocorria naquele momento, especialmente se esquecermos a variação linguística e a continuidade da evolução, pois criaremos artificialmente um estado de língua que, ao corresponder a uma média deduzida dos dados concretos que recolhemos, nunca poderemos dar conta da realidade que pretendemos descrever (CARDEIRA, 2009).

Segundo a autora, esse é o maior problema com o qual se depara quem pretende estabelecer períodos na história de uma língua. Pela sua própria natureza, a evolução da língua torna artificial qualquer divisão cronológica precisa, mas as vantagens que uma tal periodização apresenta, como instrumento de trabalho, justificam as repetidas tentativas dos historiadores da língua (CARDEIRA, 2009).

Mattos e Silva (2006), por exemplo, situa o período arcaico entre os séculos

XIII e XV, pois, para ela, é nesse período que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita.

Cardeira (2009) ilustra, em quadro bastante didático, a forma como alguns autores classificaram as fases da Língua Portuguesa:

	L. Vasconcellos (1911)	S. Silva Neto (1957)	P. V. Cuesta (1971)	Lindley Cintra (Castro 1999)	E. Bechara (1991)
Até séc. IX	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário	
Até séc.1200	Proto-histórico	Proto-histórico	Pré-literário	Pré-literário	
Até1385/1420	Arcaico	Trovadoresco	Galego Português	Antigo	Arcaico
Até 1536/1550	Arcaico	Comum	Pré-clássico	Médio	Arcaico Médio
Até séc. XVIII	Moderno	Moderno	Clássico	Clássico	Moderno
Séc. XVIII em diante	Moderno	Moderno	Moderno	Moderno	Hodierno

Quadro 2. Fases da Língua Portuguesa

Mattos e Silva esclarece que ainda não há grandes reflexões gramaticais a respeito das características do português arcaico. As primeiras obras dessa natureza para língua portuguesa começam a ser desenvolvidas em 1536, *pois só nos fins da idade média é que as línguas nacionais românicas começaram a ter significado cultural e político.* (MATTOS e SILVA, 2006, p. 35)

Segundo ela, é possível organizar a documentação do português arcaico em três grandes grupos:

- a documentação poética, ou seja, a chamada “lírica galego-português” ou “cancioneiro medieval português”;
- a documentação em prosa não-literária, ou seja, a documentação de natureza jurídica;
- a documentação em prosa literária (literário aqui em sentido amplo, por oposição aos textos jurídicos), quer textos originalmente escritos em

português quer textos traduzidos do latim e de outras línguas. (MATTOS e SILVA, 2006, p. 35)

Retomando a justificativa para a escolha de nosso *corpus* de análise, essa divisão da autora reforça nossa seleção: a documentação poética não é o gênero mais adequado, visto que, muitas vezes, suas características sintáticas atendem à versificação pretendida; a documentação em prosa não literária de natureza jurídica, como mencionamos na introdução, ainda está muito pautada na linguagem notarial e foral. Restou-nos, portanto, a documentação em prosa literária, mas literária no sentido de que se opõe aos textos jurídicos.

Voltando à questão das pesquisas com a documentação arcaica do português, por muito tempo tivemos à disposição algumas gramáticas históricas, as quais privilegiam muito mais a história externa, alguns poucos e repetitivos metaplasmos e aspectos gerais do português arcaico, mas todas sem descrever esse ou aquele período.

Esse panorama começou a ser alterando quando a própria Mattos e Silva, em 1999, publicou a obra *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*, em que apontava as características fonológicas, morfológicas e sintáticas da obra *Diálogos de São Gregório*, pertencente ao século XIII. Tratou-se de obra de referência, dada a sua proposta, evidenciada no título: *gramática do português arcaico*.

Nos anos seguintes, essas e outras publicações da autora tornaram-se obras de referência e ponto de partida para várias pesquisas de cunha funcionalista, as quais tinham como escopo o fenômeno da gramaticalização de itens.

Ainda assim, não é grande o rol de publicações a respeito da descrição da língua no período arcaico, o que nos impulsionou a trilhar esse caminho na busca de novos dados ou da confirmação dos já apontados por outros pesquisadores, a fim de ampliar a descrição linguística de textos arcaicos portugueses.

Infelizmente, essa pesquisadora, detentora de tão vasto conhecimento acerca da história do português, faleceu recentemente e, com ela, provavelmente, a possibilidade da ampliação significativa de pesquisas do gênero.

2.2 O corpus

Conforme explicitado na introdução, utilizamos como *corpus* para esta pesquisa um texto narrativo pertencente, provavelmente, aos finais do século XIII e início do século XIV (anexo).

Trata-se do texto arcaico *Visão de Túndalo*, manuscrito de autoria anônima, traduzido para várias línguas, dentre elas, o português o espanhol, o francês, o provençal, o alemão o inglês e o gaélico; circulou por toda a Europa durante os séculos XII e XV.

O manuscrito é um exemplo de viagem imaginária que descreve as experiências de uma alma pecadora, que visita o Inferno, o Purgatório e o Paraíso.

Desenvolve-se a partir de um personagem principal, o cavaleiro Túndalo, de linhagem boa e nobre, que vivia nas “ vaidades do mundo”, isto é, estava entregue aos prazeres terrenos e, portanto, era um pecador. Em uma experiência de morte temporária, por um espaço de três dias (enquanto aguardam seu corpo esfriar), sua alma é conduzida ao Além para conhecer a morada dos eleitos (Paraíso) e o ambiente destinado aos pecadores (Inferno e Purgatório).

Durante a viagem, o narrador descreve os espaços infernais percorridos pela alma de Túndalo no Além. Ele, entretanto, não viaja sozinho: um anjo, enquanto ilumina seu caminho, mantém um diálogo com o cavaleiro, explicando-lhe os motivos pelos quais fora colocado à prova.

Uma leitura atenta do texto na íntegra nos permite conferir que o objetivo principal da narrativa é servir de guia pedagógico para obter a salvação; é uma manual de conversão da população pecadora, motivo pelo qual se enfatiza um cavaleiro, que passará pela experiência para contar aos demais.

Ressaltam-se as impressões sensoriais: o narrador descreve minuciosamente as experiências da Alma, enfatizando os quatro sentidos do corpo humano: a visão e a audição, seguidas do olfato e do tato. Assim é que Túndalo vai opondo o Paraíso ao Purgatório: os perfumes do Paraíso x odor de enxofre do Inferno e do Purgatório; o toque agradável de flores e das vestes claras nos espaços celestiais x as torturas dos objetos pontiagudos nos lugares de purgação; o gosto das frutas no Paraíso x a ingestão do enxofre nos lugares de castigo.

Após passar por essa transformação espiritual e comportamental, Túndalo acordará e se tornará um modelo de boa conduta e de salvação para os medievos.

Esse texto, bem como outros, está disponível no site <http://cipm.fcsh.unl.pt/>, desenvolvido pelo projeto intitulado *Corpus Informatizado do Português Medieval*, criado em 1993 pela Universidade Nova de Lisboa.

De acordo com seus idealizadores,

O projecto de constituição de um Corpus Informatizado do Português Medieval, o CIPM, resultou da necessidade de dados indispensáveis para a investigação linguística sobre o período mais antigo do Português.

A par dos estudos linguísticos e do tratamento automático dos textos do CIPM, está a ser desenvolvido um Dicionário do Português Medieval, cuja informação pode ser consultada em **glossários** e bases de dados aqui disponíveis - DVPM e Jurix.

Nesse site é possível encontrar textos que datam desde o século XII até o século XVIII, além de dicionário e novidades a respeito da língua portuguesa arcaica. O *corpus* possui textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI. Há, também, à disposição, textos de tipo notarial, crônicas e textos de prosa didático-moralista, já publicados ou fornecidos pelos próprios editores.

Os textos são publicados seguindo uma metodologia que visa uniformizá-los quanto a referências, comentários e normas de transcrição. A metodologia utilizada compreende duas etapas:

- a) digitalização e correção;
- b) introdução de anotações de um conjunto de referências e comentários, resultantes da adaptação das normas de transcrição dos editores às normas do CIPM.

Também é realizada a etiquetagem automática dos textos, que passam por uma correção dos erros ,para compor o *corpus*. Na página referente ao *corpus* encontramos atalhos para

- i) textos portugueses dos séculos XII a XVI;
- ii) atalho para todos os textos disponíveis que compreendem esses séculos;
- iii) pesquisa em todo o *corpus*: abre um local para que se possa digitar e pesquisar um texto específico;
- iv) anotações do CIPM: explica e exemplifica as anotações feitas nos textos;
- v) relatório dos textos: traz as informações detalhadas de cada texto, como data, número de palavras;
- vi) referências das fontes: detalha as fontes (abreviadas) utilizadas nos textos;
- vii) *corpus* etiquetado: exhibe no texto as contrações morfossintáticas do texto.

A equipe responsável pelo desenvolvimento do site, que conta com apoio internacional, é constituída por linguistas e estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, de forma interdisciplinar com o curso de Informática, e possui parceria com outras universidades portuguesas.

Para a nossa pesquisa, adaptamos o texto escolhido para análise a fim de facilitar a leitura. Essa adaptação se refere, principalmente, à nasalização de vogais, à separação de palavras e à exclusão de marcas de emendas (espaços de pouca visibilidade, que são preenchidos com possíveis leituras de acordo com o contexto), bem como à exclusão das marcações de linhas. Assim, um fragmento como:

((L)) Aqui falla do cavaleiro Tungullo. Era hu~u ma~cebo de dias filho de muy gra~de
 ((L)) linhagem, mas avia pouco cuidado de ((L)) sua alma. que sua ma~cibya e sua
 fremosura o tornava ((L)) em pouco siso e em vaydade deste segre. Nem ((L)) avia
 cuidado de dar esmollas. ne~ de hir aa ig(re)ja ne~ ((L)) de fazer oraçom. E em
 estas vaydades do mu~do ((L)) era muy ledo e muy oufano. Emp(er)o nosso senhor
 ((L)) mis(er)icordioso q(ui)s a este home~ mostrar as penas do ((L)) Inferno. e os
 be~e~s do Parayso por tal de as co~tar depois ((L)) no mu~do. E esto por tomarmos
 nos outr(os) exe~plo ((L)) de fazer bem. e~ nos guardarmos de mal.

será apresentado da seguinte forma:

Aqui falla do cavaleiro Tungullo. Era hũu mancebo de dias filho de muy grande linhagem, mas avia pouco cuidado de sua alma. que sua mancibya e sua fremosura o tornava em pouco siso e em vaydade deste segre. Nem avia cuidado de dar esmollas. nen de hir aaigrejanen de fazer oraçom. E em estas vaydades do mundo era muy ledo e muy oufano. Empero nosso senhor misericordioso quis a este homen mostrar as penas do Inferno. e os beës do Parayso por tal de as contar depois no mundo. E esto por tomarmos nos noutros exenplo de fazer bem. en nos guardarmos de mal.

2.3 Diagramas da estrutura retórica do texto

O programa utilizado para fazer os diagramas da estrutura retórica das partes analisadas é o *RSTTool*, versão 3.11 criado por Mick O' Donnel (<http://www.wagsoft.com/RSTTool/>). Esse programa permite ao pesquisador fazer os gráficos das relações tanto núcleo-satélite, como multinuclear, por meio da segmentação do texto no *software*. São criadas duas listas, uma para as relações multinucleares e outra para as relações núcleo-satélite.

Para fazer o diagrama, é necessário segmentar o texto e traçar os esquemas que representam os tipos de relações e, logo após, a relação desejada. Para as relações núcleo-satélite, arrastamos a porção satélite em direção ao núcleo; para as multinucleares, arrastamos a porção núcleo em direção à outra porção núcleo. Em ambos os casos, após fazer esse processo, escolhemos a relação pertinente.

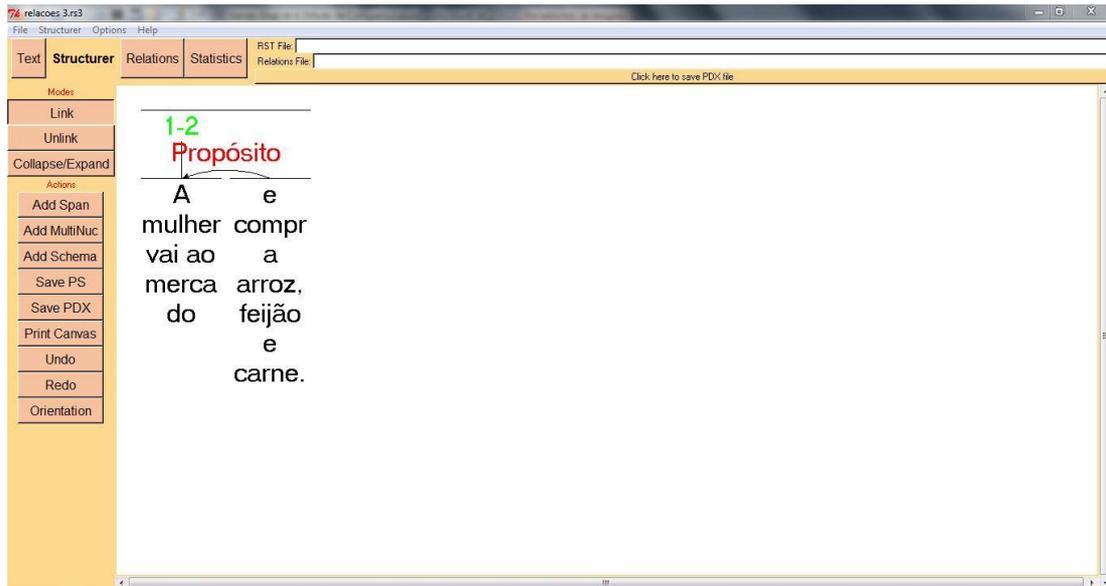


Diagrama 9. Tela do RSTTool – Criação da relação de propósito.

2.4 Elementos de análise

Os elementos utilizados para a análise são

- a) a frequência das relações: realizamos um levantamento de quantas vezes cada relação ocorreu no texto.
- b) posição do núcleo e do satélite: observamos a posição do núcleo e do satélite presente nas relações.
- c) se há outras marcas formais que acompanham cada relação: observamos se há outras palavras ou expressões que acompanham o E na estrutura gramatical e ajudam a estabelecer o tipo de relação.

CAPÍTULO III. A CONJUNÇÃO E

3.1 A conjunção E

Nesta seção, apresentamos algumas relações apresentadas pelo conectivo E, bem como algumas funções por ele desempenhadas de acordo com alguns pesquisadores.

Na *Gramática de Usos do Português* (2000), Neves faz um estudo no qual mostra vários usos do E.⁴ Ela aponta o E como uma conjunção coordenativa que

evidencia exterioridade entre os dois segmentos coordenados e, a partir daí, acresce um segundo segmento a um primeiro, recursivamente, seja qual for a direção relativa desses segmentos, determinadas pelas variações contextuais (NEVES, 2010, p. 739).

Para a autora, o E estabelece uma relação de adição entre segmentos coordenados, o que o faz ser mais neutro, como no exemplo a seguir:

Eu e meu marido fizemos os exames necessários E constatamos que o problema era meu. (NEVES, 2010, p. 739)

Quando existe uma relação semântica marcada entre os segmentos, a conjunção E é menos neutra, como em

Depenava frangos e não ganhava nada. (NEVES, 2010, p. 739)

Nesse caso, constata-se uma relação de contraste, pois o fato de depenar frangos sugere que ele recebe algo por esse trabalho. Ao ler a segunda oração,

⁴ Convém ressaltar que a maior parte dos comentários foi extraída de Neves (2000), visto que se trata de autora que mais estudos empreendeu em relação ao conectivo em questão. Os demais comentários, extraídos de outros autores, foram acrescentados aos comentários da autora como forma de ampliação da visão que se tem a esse respeito.

observa-se a situação oposta, logo, há uma relação semântica de contraste entre elas. Outra relação semântica mostrada pela autora é a de causa-consequência ou de causa-efeito:

Superministro arma crise e entra na fritura. (NEVES, 2010, p. 740)

A linguista também trata de como são construídos os elementos coordenados pelo E, que podem ser: elementos de composição de uma palavra, ou seja, duas palavras unidas pelo E para se tornar composta (*vai e vem*); apenas união de palavras (*vinte e dois*), sintagmas (*questões de conforto e de segurança*), orações (*Eles riem e Gioconda vai pra dentro*), enunciado (*Nada mais o atingia. E raramente consultava o relógio.*).

Observa-se, de acordo com os conceitos expostos acima, que o conector E sempre carrega a relação de adição, mesmo quando estabelece outro tipo de conexão. Outra função de E recorrente foi a de contraste e causa-consequência, além do seu valor temporal e sequenciador e de adição prototípica, como no caso das orações simétricas, ênfase e tomada ou troca de turno.

Na categoria *enunciado*, ela apresenta alguns tipos de ocorrências encontradas:

- há, em um mesmo enunciado, grupos distintos de elementos coordenados pelo E, logo, temos como resultado uma organização coordenada hierarquizada:

Temos dois braços E uma cabeça E somos donos do mundo. (NEVES, 2010, p. 741)

- ocorre a coordenação pelo E entre um sintagma não oracional e um sintagma oracional, desde que ambos tenham o mesmo estatuto sintático:

Atirando o guardanapo sobre a mesa E com um temor nos lábios, exclamou: (NEVES, 2010, p. 740)

A autora também traz um valor semântico do E em relações de adição, pois nelas são encontrados aspectos especiais marcados pelo uso desse conectivo. Ao iniciar sintagmas, orações ou enunciados, o E pode indicar

- adição de unidades dos sistema de informação. Pode emergir ou não uma relação de tempo entre os segmentos. O conectivo E indica explicitamente que o segundo seguimento é acrescido ao primeiro:

Ele fuma e toma um cafezinho. (NEVES, 2010, p. 743)

- com efeito de acúmulo. Normalmente, há muitos segmentos coordenados, o que acentua o efeito de acúmulo:

Garçons que passam com pratos E pratos de massas suculentas. (NEVES, 2010, p. 743)

- com restrição ao primeiro seguimento. Entre os seguimentos coordenados não existe valor de tempo, e o acréscimo da informação ocorre apenas em um ponto do segundo seguimento, o que configura uma especificação do primeiro. A parte do primeiro seguimento que recebe a especificação pode, ou não, vir repetida no segundo seguimento.

A informação acrescida consiste em

1. uma atribuição (predicativo):

Vá com suas filhas, Sara, é seu dever; E vá descansada, que passarei muito bem o domingo, trabalhando. (NEVES, 2010, p. 744)

2. um modo do evento (adjunto adverbial de modo):

_ Mas eu não fabrico dinheiro, caramba! Quem fabrica dinheiro é o governo. E às pampas! (NEVES, 2010, p. 744)

3. uma localização espacial ou temporal (adjunto adverbial de lugar):

O rádio falou no discurso do Getúlio. Já é batata, agora. E ele vai assinar o decreto aqui.
(NEVES, 2010, p. 739)

4. uma intensificação (adjunto adverbial de Intensidade + parte intensificada):

Às vezes caminhava até ao cercadinho, voltava – E tanto mais se movia, quanto mais rápida era a volta do seu desespero, a persistente sensação de que, em torno dele, um círculo apertava-se. (NEVES, 2010, p. 744)

A adição de temas também ocorre como função do E. Nesse caso, ele pode ter subsequência temporal: há progressão temática e subsequência no tempo da narrativa, marcando a passagem das ações de uma personagem para a outra ou a sucessão do relato depois de falas encaixadas no enunciado:

Deus lhe acompanhe – dissera-lhe a mulher no dia da viagem. E o retirante juntou-se à leva.
(NEVES, 2010, p. 745)

A adição de temas também pode aparecer sem subsequência temporal, caso em que ocorre apenas alternância temática:

O pai ocupava a cabeceira da mesa. E o copeiro de jaqueta engomada vinha trazendo os pratos.
(NEVES, 2010, p. 745)

O E tem empregos que ocorrem apenas no início de enunciados, ou seja, no início de um novo ato de fala, obedecendo a determinações pragmáticas, como em adição de um pedido de informação. O E inicia uma interrogativa direta ou indireta que sugere o acréscimo de uma unidade de informação. A interrogativa pode ser

1. interrogativa geral:

- como pedido de informação sobre um tema (não necessariamente um sujeito). A interrogação consta apenas do sintagma nominal que configura esse tema:

- Isso é imprevisível. Sessenta dias é um tempo aceitável.
 - E a alimentação? Ela não quer comer nada doutor. (NEVES, 2010, p. 746)

2. Interrogativa parcial: com um pedido de informação em um ponto do primeiro seguimento:

- Então já são dois favores.
 - Exato.
 - E para quê? E por quê?
 (NEVES, 2010, p. 746)

O E também pode iniciar uma interrogativa geral visando acrescentar a sugestão de um tema:

Distendemo-nos. Seguimos o caminho.
 - E o treino, hein? - disse nosso quíper bem perto de mim. (NEVES, 2010, p. 747)
 E você, Matsune – disse Olavo para a mulher – está fazendo beiju?
 (NEVES, 2010, p. 748)

A autora também traz a adição de argumentos, em um mesmo sentido da argumentação: o segundo enunciado coordenado reitera a direção argumentativa. Nesse caso, o E é uma indicação explícita de que o segundo seguimento se acresce ao primeiro, sendo muito importante a pausa final no enunciado antes do E.

- De raça, a galinha.
 - Raça nada. Pêlo duro. Caipirinha da silva.
 - E gordinha que tá.
 (NEVES, 2010, p. 748)

O segundo enunciado é uma interrogativa retórica que solicita a consideração de um argumento e que pode ser tomado como um acréscimo, visto que traz o argumento à consideração:

- Meu Deus – Disse Fontoura – só agora é que estou sentindo a coisa... E se pernoitarem?
(NEVES, 2010, p. 749)

Também há a inversão do sentido em que vai a argumentação: o segundo enunciado coordenado inverte a direção argumentativa. Temos dois casos, o primeiro e o segundo seguimento é um enunciado asseverativo:

Eu podia fazer isso, mas quis dar-lhe uma satisfação, ver se você concorda. E você não entende, não agradece. (NEVES, 2010, p. 749)

O segundo caso é um enunciado em forma de interrogação retórica de forma interrogativa e de entonação exclamativa, com função asseverativa e com valor negativo:

Vender peixe pros homens de linho e camisa esporte. Pras moças bonitas do well, do fine e do bye-bye, e de outras conversas que ele não entendia mas sorria, que siá dona era capaz de se zangar se ele não sorrisse: podia tomar como ofensa. E ele podia penar em ofender siá dona? Podia nada. (NEVES, 2010, p. 750)

Neves também destaca a questão da ordem. Existem dois tipos de construções: as simétricas e as assimétricas. As simétricas se configuram quando dois membros podem trocar de posição, com resultado do sentido que difere apenas do ponto de vista da distribuição da informação:

A vítima está internada no hospital da cidade com febre alta e persistente, dores no corpo E morra no bairro Pedra Branca, onde viviam três pessoas que morreram em função da doença nos meses de junho e julho. (NEVES, 2010, p. 750)

No caso acima, a construção seria equivalente a:

A vítima morra no bairro Pedra Branca, onde viviam três pessoas que morreram em função da doença nos meses de junho e julho, E está internada no hospital da cidade com febre alta e persistente, dores no corpo. (NEVES, 2010, p. 750)

As assimétricas são construções em que se adicionam elementos que devem ser mantidos na ordem em que foram dispostos, indicando uma sequência de ações que deve ser respeitada.

Suspirou e morreu. (NEVES, 2010, p. 751)

Na *Gramática do Português Brasileiro* (2008), Castilho apresenta as propriedades sintáticas do E. Para tanto, menciona os casos aqui apresentados por Neves. Posteriormente, o autor trata das **propriedades discursivas**, como podemos constatar no exemplo a seguir, retirado de sua Gramática:

– E...

– E daí o entusiasmo (...)
(CASTILHO, 2010, p. 350)

em que temos o conectivo E utilizado em **união de turnos conversacionais**, diferentemente do exemplo a seguir, em que temos esse elemento adicionando **temas**:

E aí, como vão as coisas? (CASTILHO, 2010, p. 350)

Vilela e Koch trazem a seguinte definição para a conjunção E: serve para unir duas ou mais palavras da mesma natureza gramatical ou duas ou mais orações exprimindo relações de natureza diversa. Nesse caso, o valor prototípico é o de adição ou de inclusão, em que o valor dos dois elementos ligados se equivalem:

Ele e ela fizeram o trabalho. [equivalendo a “mais”, “com”] (2001, p. 262)

ou são comparados:

Ela é alta e bonita. [equivalendo a: “como também”] (2001, p. 262)

O autor observa que há outros sentidos que o E pode assumir contextualmente:

a) adversidade:

Ele fala muito e não diz nada. (2001, p. 262)

b) causa ou efeito, consequência ou resultado:

Estava mal tempo e decidimos não sair. (2001, p. 263)

c) implicação (condicional):

Bebe cerveja e vê a barriga crescer. (2001, p. 263)

d) distinção entre nome e nome:

Há carros e carros. (2001, p. 263)

e) intensificação ou ênfase:

Ele viu a atriz e saudou-a e beijou-a e pediu-lhe namoro e vão casar em breve. (2001, p. 263)

No início e desligado do pré-texto, confere valor de ênfase e de exortação:

E a hora é de trabalhar, mas todos fazem apenas política eleitoreira. (2001, p. 263)

Pode indicar sucessão temporal ou de ordem:

Ele veio e partiu de seguida. (2001, p. 263)

Pode estabelecer uma ligação entre frases em que a frase colocada como segundo membro exprime o estado de coisas essencial e a primeira representa apenas a expressão de delicadeza:

Seja boazinha e chegue-me o sal. (2001, p. 263)

Cunha aponta que certas conjunções assumem variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados. No caso do E, ele pode

a) ter valor adversativo:

Era M. C. Um homem feio e extremamente inteligente. (1979, p. 536)

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

Vocês nunca pensaram nisso, e culpam-na. (1979, p. 537)

c) expressar uma finalidade:

la decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. (1979, p. 537)

d) introduzir uma explicação enfática:

Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu? (1979, p. 537)

e) iniciar frase de alta intensidade afetiva, com valor próximo ao de interjeições:

El rei preso!... E não se levanta este Minho a livrá-lo!... (1979, p. 537)

f) facilitar a passagem de uma ideia:

la decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. (1979, p.537)

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

E minha terra se chamará terra de Jafé, e a tua se chamará terra de Sem; e iremos às tentadas um ao outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia. (1979, p. 537)

Halliday (1978) apresenta as funções do conectivo E:

Manutenção/assalto de turno: a função discursiva predominante é a interpessoal, por meio da qual o falante estende o significado aditivo de E para um valor discursivo de continuação e o emprega para informar a seu interlocutor que pretende continuar seu turno de fala (manutenção de turno) ou interromper a fala do interlocutor e sugerir sua intervenção como continuação que contribui com a fala do outro (assalto a turno).

Introdução de tópico discursivo: a função discursiva predominante é a ideacional, por meio da qual o falante atribui novamente ao conectivo um valor de continuação, introduzindo tópicos discursivos ao longo da interação, definindo e

organizando o conteúdo informacional do discurso. O segmento discursivo introduzido é conectado a todo o discurso subsequente, a alguma interação verbal desenvolvida pelos interlocutores em outro momento, ou a um conhecimento de mundo partilhado entre eles.

Distinção de unidades discursivas: a função discursiva predominante é a ideacional, que o falante utiliza em associação a outros conectivos (então, portanto, aí, zero) para delimitar diferentes unidades discursivas e estabelecer relações funcionais entre elas (como em estruturas argumentativas contendo posição, argumentação e conclusão) (SCHIFFRIN, 1987).

Sequenciamento retroativo-propulsor: função discursiva de caráter ideacional, por meio da qual o falante expande o discurso para frente, conectando novos segmentos a todo um bloco precedente; trata-se de um mecanismo de coesão textual (integrando, portanto, os procedimentos de ordem textual (externa) na superfície discursiva), certamente o de natureza mais neutra, que estabelece uma relação semântica simplesmente de adição entre novas sequências inseridas e o discurso já enunciado.

Coordenação de orações sem equivalência funcional: função pela qual o falante estabelece as condições discursivas necessárias para a enunciação conjunta, integrada de orações que apresentam forças ilocucionárias diferentes entre si ou diferentes graus de comprometimento com a verdade do conteúdo proposicional que expressam. Trata-se de uma função de E intermediária entre um uso discursivo e um uso coordenativo mais estrutural, no nível da sentença; ou seja, é uma situação limítrofe entre o e-marcador discursivo e o e-coordenador.

Coordenação assimétrica de orações: função prototipicamente coordenativa de E (como as demais funções daqui adiante) para a qual a definição do processo de coordenação finalmente se aplica integralmente: “construção que consiste de dois ou mais membros funcionalmente equivalentes, conectados no mesmo nível da estrutura por meio de mecanismos de ligação” (DIK, 1997, p. 189).

Nessa função, o significado aditivo de E assume um valor neutro e abstrato o suficiente para conectar orações que mantêm entre si relações semânticas diversas, responsáveis pela assimetria da construção, como sequenciamento temporal, causa, conclusão, explicação, adversidade, condição e finalidade.

Coordenação simétrica de orações: função também prototipicamente coordenativa de E em que o conectivo estabelece uma relação semântica puramente aditiva entre as orações conectadas.

Coordenação entre posições de termos: função predominantemente estrutural de E, que consiste na expansão da posição de um constituinte na estrutura subjacente da oração; o que é coordenado nesse caso são as posições expandidas de um constituinte e, por isso, cada termo inserido em uma dessas posições desempenha funções sintática, semântica e pragmática próprias no interior da oração, embora normalmente equivalentes às dos termos inseridos nas demais posições expandidas.

Coordenação no interior de posições de termos: função mais fortemente estrutural de E, em que opera a coordenação de constituintes para a formação de um constituinte único, composto; a coordenação se dá, portanto, no interior de uma mesma posição de um constituinte na estrutura subjacente da oração e, assim, os termos coordenados desempenham uma mesma e única função sintática, semântica e pragmática.

Segundo Camacho (1999, p. 353),

o E da conjunção se traduz aproximadamente como “e em seguida”, envolvendo, nesse caso, sucessão temporal de eventos. Esse fato constitui um simples fragmento da complexidade funcional dos usos do juntivo E.

Camacho acrescenta ainda que o E tem a função de *juntar unidades lingüísticas equivalentes* (1999, p. 353), independentemente de serem termos ou

orações. Porém, não é função do E unir de forma lógica o conteúdo de duas unidades.

Sweetser (1991, *apud* Camacho, 1999, p. 354) aponta que não é sensato analisar palavras da língua natural, como o E, com uma metalinguagem da lógica. Por isso, o que ocorre é fazer uma afirmação lógica a partir dos usos mais frequentes e cristalizados do E.

De acordo com Barreto (s/d), que realizou importante pesquisa a respeito de gramaticalização de conjunções,

foram encontrados, no texto de Vieira, 92 itens conjuncionais diversos: 65 conjunções e 27 correlações conjuncionais. Entre os itens, há os que haviam se gramaticalizados, outros em processo de gramaticalização e os que ocorriam pela primeira vez.

A autora destaca que o E se encontra entre as conjunções coordenativas que sofreu processo de gramaticalização ainda no latim, sendo empregado com grande frequência como encadeador de narrativa.

Ela acrescenta que Vieira empregou 82 itens conjuncionais, originados antes do século XVII os quais modificaram de forma ou de comportamento sintático, semântico ou discursivo: *a conjunção aditiva e, que, como já foi especificado, teve o seu uso reduzido como encadeador da narrativa.*

Mattos e Silva (1999, p. 655), em suas pesquisas, constatou que o *E coordena elementos constituintes de um mesmo enunciado, além de coordenar enunciados*. Ela acrescenta que esse conectivo expressa cópula de enunciados e de constituintes do enunciado mas também é muito usado no *corpus* como encadeador de narração comparado com o *aí*, utilizado em narrativas orais atuais: *Do ponto de vista da estruturação sintática esse elo formal seria dispensável, assim como do ponto de vista semântico* (MATTOS e SILVA, 1999, p. 655),

Observamos, de acordo com os conceitos expostos acima, que o conector E sempre carrega a ideia de adição, mesmo quando estabelece outro tipo de conexão, ou seja, há uma sobreposição de relações.

CAPÍTULO IV. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analisamos as orações encontradas no texto e apresentamos os dados em relação à quantidade de orações encontradas no texto, ao tipo de relação, à posição do núcleo e do satélite e à presença de outras marcas formais que acompanham cada relação.

4.1 Relações encontradas

Relações de Sequência

Observamos a seguir as ocorrências da relação de sequência na qual há uma relação de sucessão entre as porções de texto, como definem Mann e Thompson (2010), no quadro abaixo:

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do A
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos.	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos.

Quadro 3. Descrição da relação de Sequência

Nas definições, observamos que a relação de sequência indica que há justamente uma sequência entre os núcleos. Essa relação emerge no decorrer do texto, pois durante toda a narrativa os acontecimentos vão acontecendo em uma ordem. Apresentaremos abaixo três exemplos que ilustram esse tipo de relação:



Diagrama 10. Relação de sequência



Diagrama 11. Relação de sequência



Diagrama 12. Relação de sequência

A relação de sequência é a mais abundante no texto, das 471 relações estabelecidas, 233 são de sequência. Não há marca formal relevante além do E.

Relação de Lista

Mann e Thompson (2010) definem a relação de Lista da seguinte forma:

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do A
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista.	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados.

Quadro 4. Descrição da relação de Lista

As relações de lista se caracterizam por não precisar seguir uma ordem de acontecimentos, como vimos anteriormente na relação de sequência. Apresentaremos a seguir três exemplos de relação de lista encontrados no texto.



Diagrama 13. Relação de lista



Diagrama 14. Relação de lista



Diagrama 15. Relação de lista

A relação de Lista foi a segunda mais recorrente no texto, pois aparece 204 vezes. Não foi encontrada marca formal relevante além do E.

Relação de Resultado

Para Mann e Thompson (2010), a relação de Resultado pode ser dividida em Resultado Voluntário e Resultado Involuntário, porém apresentaremos abaixo um quadro adaptado com características gerais dessa relação.

Nome da relação	Condições em S ou N individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Resultado	em S: S constitui uma situação ou ação possivelmente resultante de uma ação	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S

Quadro 5. Descrição da relação de resultado

Nessa relação, o satélite apresenta o que resultou da ação apresentada no núcleo. Apresentaremos abaixo alguns exemplos de relação de Resultado:

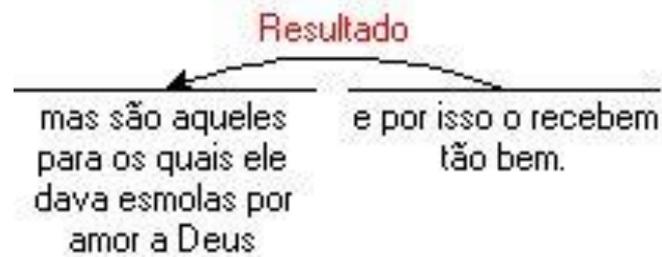


Diagrama 16. Relação de resultado



Diagrama 17. Relação de resultado

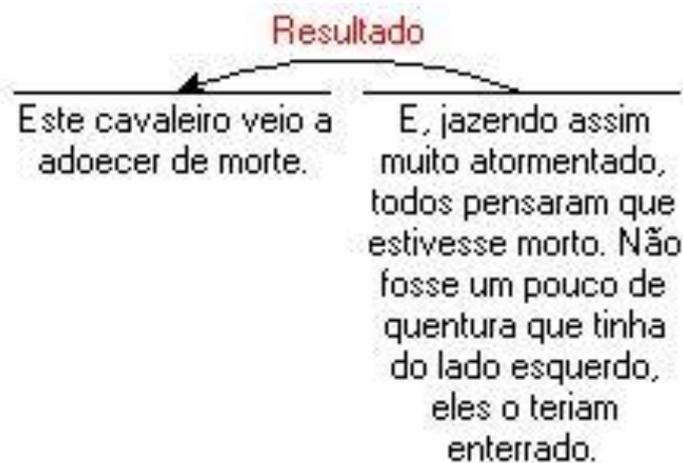


Diagrama 18. Relação de resultado

A relação de Resultado ocorre com menos frequência no texto, assim como as próximas que serão apresentadas. Foram encontradas 13 relações de resultado ao todo. Em 4 das 13 ocorrências, encontramos marcas linguísticas que nos ajudaram a classificar a relação. São elas: *entom* (então), *asi* (assim) e *por isso* (por isso) duas vezes.

Relação de Contraste

Para Mann e Thompson (2010), a relação de Contraste não pode apresentar mais de dois núcleos e eles devem ter semelhanças em alguns aspectos e diferenças em outros, como vemos abaixo:

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do A
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças.	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada.

Quadro 6. Descrição da relação de Contraste

Trazemos a seguir dois exemplos de como a relação de Contraste apareceu no texto.

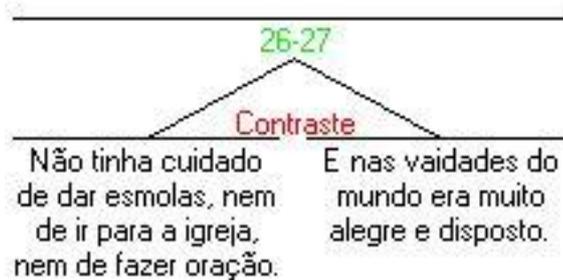


Diagrama 19. Relação de contraste



Diagrama 20. Relação de contraste

A relação de Contraste ocorre 8 vezes no texto. Não há marca formal relevante além do E.

Relação de Causa

Mann e Thompson (2010) dividem a relação de Causa em Causa Voluntária e Involuntária, mas nós não faremos essa distinção. No quadro, traremos as características principais da relação de forma adaptada ao que está disponível no site.

Nome da relação	Condições em S ou N individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Causa	em N: N constitui uma ação ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação	S poderia ter levado o agente da ação em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como causa de N

Quadro 7. Descrição da relação de Causa

Apresentaremos dois exemplos de como a relação de causa aparece no texto.

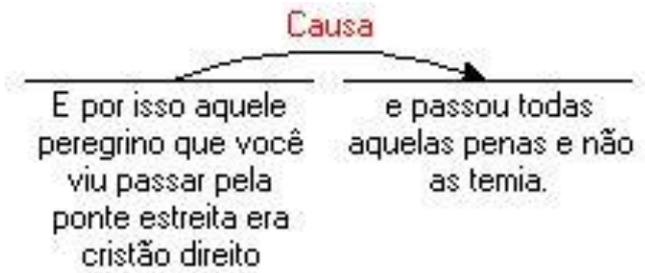


Diagrama 21. Relação de causa



Diagrama 22. Relação de causa

A relação de causa ocorre 5 vezes. Das 5 ocorrências, as 5 possuem marcas linguísticas que ajudam na identificação. São elas: *pele* (por causa), *porque*, duas vezes e *por que*, duas vezes, em frase afirmativa.

A relação de Motivação é encontrada 2 vezes no texto e em ambas são iniciadas com “se”.

Relação de Motivação

Para Mann e Thompson (2010), a relação de Motivação aumenta a vontade do leitor para realizar o que é proposto no núcleo.

Nome da relação	Condições em S ou N individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Motivação	Em N: N é uma ação de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a ação em	A vontade de L para executar a ação em N aumenta.

	face ao contexto de N.	N.	
--	------------------------	----	--

Quadro 8. Descrição da relação de motivação



Diagrama 23. Relação de Motivação



Diagrama 24. Relação de Motivação

As relação de Motivação aparece 2 vezes. Não foi encontrada marca formal relevante além do E.

Relação de Propósito

Mann e Thompson (2010) definem a relação de Propósito como uma ação ou atividade que se inicia para que o conteúdo do núcleo ocorra, como podemos ver na seguinte definição:

Nome da relação	Condições em S ou N individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Propósito	Em N: N é uma atividade; em S: S é	S será realizado através da	L reconhece que a

	uma situação que não se encontra realizada	atividade de N	atividade em N se inicia para realizar S
--	--	----------------	--

Quadro 9. Definição da relação de propósito

Apresentamos a única ocorrência da relação de Propósito presente no texto. Essa relação foi a que ocorreu em menor número. Encontramos o elemento anafórico *isso* (isso) acompanhando o E.

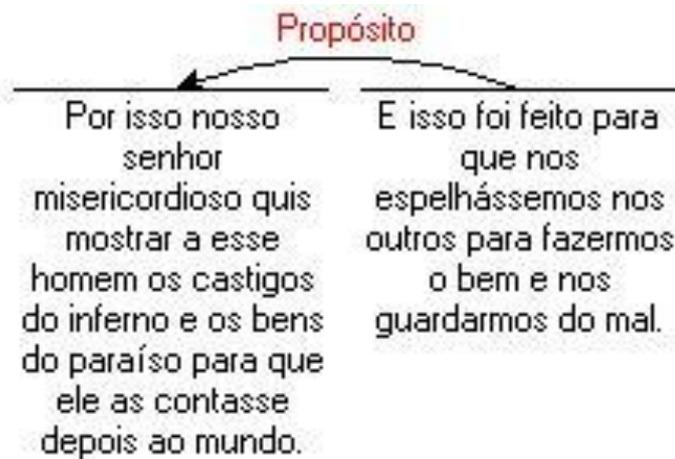


Diagrama 25. Relação de propósito

Apresentamos as tabelas com os dados totais das análises. No quadro 10, apresentamos a frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, separadas em número de ocorrências sem marcas formais que acompanham o E, número de ocorrências com marcas formais que acompanham o E o número total das ocorrências.

Nome da relação	Número de ocorrências sem marcas formais que acompanham o E	Número de ocorrências com marcas formais que acompanham o E	Número total de ocorrências
Sequência	233	0	233
Lista	207	0	207

Resultado	9	4	13
Contraste	8	0	8
Causa	0	5	5
Motivação	0	0	1
Propósito	0	1	1

Quadro 10. Dados da análise I

As relações de Lista e Sequência ocorrem em maior número. Em relação às marcas formais que acompanham o E, a maioria das ocorrências não as apresenta; somente as relações de Causa, de Motivação e de Propósito possuem marcas formais juntamente ao E em sua maioria.

No quadro 11, apresentamos os elementos que acompanham o E e ajudam na identificação da relação.

Nome da relação	Elementos que acompanham o E e ajudam na identificação
Causa	pelo (por causa, uma vez), porque (duas vezes) e por que (duas vezes), em frase afirmativa.
Resultado	entom (então), asi (assim) e por isso (por isso, duas vezes)
Motivação	se (duas vezes)
Propósito	Esso (isso)

Quadro 11. Dados da análise II

A relação de Causa apresenta as marcas linguísticas *pelo*, *porque* e *por que* indicando a causa; a de Resultado apresenta *entom* (então), *asi* (assim) e *por isso* (por isso) indicando a consequência do núcleo; a de Motivação, a palavra marca *se*; e a de Propósito, a marca *isso* (isso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos, com base na Estrutura Retórica do Texto (RST), quais as relações retóricas estabelecidas pelo conectivo E no texto arcaico *Visão de Túndalo*. Para fazer essa investigação, utilizamos o texto escrito em português do século XIII-XIV. As análises realizadas no decorrer do trabalho foram retextualizadas para o português atual para facilitar a leitura. Para fazer os diagramas, usamos um programa específico, *RSTTool*, o qual nos permite elaborar gráficos que facilitam a visualização das relações.

Ao todo foram encontradas 469 relações e a análise das ocorrências revelou que, dessas relações, a que emerge em maior número é a relação de Sequência, com 233 ocorrências, seguida da de Lista, com 208 ocorrências. As demais relações ocorreram em um número bem menor: Resultado (13 ocorrências), Contraste (8 ocorrências), Causa (05 ocorrências), Motivação (02 ocorrências) e Propósito (01 ocorrência).

Quanto à posição do núcleo e do satélite, nas relações de Resultado e de Propósito o núcleo ocorre antes e o satélite depois em todas as ocorrências. Nas relações de Causa e de Motivação, ocorre o oposto: o núcleo é encontrado depois do satélite em todas as ocorrências. As relações de Sequência, de Lista e de Contraste não ocorrem nesse momento, pois são multinucleares, assim, não podem ser analisadas utilizando esse critério.

Em relação a outras marcas formais que acompanham o E, as relações multinucleares não apresentaram estruturas relevantes, mas, nas relações núcleo-satélite, essas marcas ocorreram com frequência. A relação de Resultado apresentou as marcas linguísticas *entom* (então), *asi* (assim) e *por isso* (por isso) em alguns fragmentos analisados; a relação de Causa apresentou, com o E, as marcas *po* (por causa), *porque* e *por que*, em frase afirmativa; a relação de Motivação iniciou-se, nas duas ocorrências, com a marca *se e*, por último, a relação de Propósito, que apresentou a marca *esso* (isso).

Os resultados mostram que o conectivo E estabelece alguns variados tipos de relações retóricas e as relações de Sequência e de Lista ocorrem em um número muito mais elevado do que as demais, mostrando que, no período em questão, esse

conectivo estabelecia relações que indicam uma sucessão de eventos ou uma lista de ação ou situação, assim como hoje.

No que concerne à posição do núcleo e do satélite, esse critério pode auxiliar na caracterização das relações, pois, nas Relações de Causa e de Motivação, o satélite sempre se encontra antes, enquanto nas de Resultado e de Propósito, encontra-se depois.

As marcas formais que acompanham o E também podem auxiliar no reconhecimento das relações núcleo-satélite, pois em 30% das ocorrências da relação de Propósito as marcas formais estavam presentes. No caso das demais relações - Causa, Motivação e Propósito -, a marca formal se fez presente em todas.

Esses resultados, pois, comprovam que pesquisas com RST em textos arcaicos são possíveis e permitem a ampliação da descrição linguística com textos desse período.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, J. D. Estrutura retórica e combinação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro. *In: _____ (org.) Estudos descritivos do português: história, uso e variação*. S. Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- ARAÚJO, A.P. *A igreja medieval*. Disponível em <<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/adrienearaujo/historia010.asp>>. Acesso em 13 maio 2012.
- BARRETO, T.M.M. *Itens conjuncionais em textos do padre Antônio Vieira*. Disponível em <http://www.prohpor.ufba.br/therezinha.html>. Acesso em 13 set 2011.
- BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. *In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v.3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 93-129.
- CARDEIRA, E. **Revisitando a periodização do português**: o português médio. Domínios de linguagem. Ano 3, n. 2, segundo semestre de 2009. ISSN: 1980-5799. pp.103-115. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11508>>. Acesso em 20 fev 2012.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- Corpus Informatizado do Português Medieval**. Disponível em: <cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 28 jun 2010.
- COSTA, G.S. **Estruturalismo Lingüístico**. Disponível em: <<http://www.giseldacosta.com.br/public/2063971-ESTRUTURALISMO-LINGUISTICO.pdf>> Acesso em 15 abr 2012.
- CUNHA, A.F. Funcionalismo. *In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CUNHA, C.F. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Fename, 1979.
- CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M.E. (orgs.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj. 2003.
- CUNHA, I. da.; IRUSKIETA, M. **Comparing rhetorical structures in different languages: The influence of translation strategies**. *Discourse Studies*, 12(5). 2010. pp. 563-598. Disponível em <http://dis.sagepub.com>>. Acesso em 12 mar 2012.
- DEUS, A.D.P. Homens Santos no Mediterrâneo Tardo Antigo: novas perspectivas eremíticas através das hagiografias de Valério de Bierzo. **História, imagem e narrativas** No 10, abril/2010 - ISSN 1808-9895.
- DIK, C.S. **Functional grammar**. Cinnaminson - USA: Foris, 1978.

DIK, C.S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht-Holland: Foris, 1989.

DIK, C.S. Some principles of functional grammar. *In*: DIRVEN, R., FRIED, V. (Ed.). **Functionalism in linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 81-100.

DILLINGER, M. Forma e função na Linguística, *In*: **Delta**, vol.7, n.1, 1991, p. 395-407.

FRASÃO DA SILVA, A.C.L. **Hagiografia**. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>> Acesso em 20 fev 2012.

GODINHO, H. (coord.). Horto do Esposo. Edição crítica de Irene Freire Nunes. Lisboa: Edições Colibri, 2007. Resenha de: PIMENTEL, A.M.G. **O Horto do Esposo: literatura medieval portuguesa para todos**. Todas as musas, ano 1, número 2, 2010.

GÓMEZ-GONZALEZ, M.L.A.; TABOADA, M. Coherence relations in Functional (Discourse) Grammar. *In*: MACKENZIE, J.L.; GÓMEZ-GONZALEZ, M.L.A. **Studies in Functional Discourse Grammar**. Berne: Peter Lang. p 227-259, 2005.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. As bases funcionais da linguagem. *In*: DASCAL, M. **Fundamentos metodológicos da lingüística**. v.1, São Paulo: Global, 1978, p. 125-161.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M.E.T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *In*: **Lingüística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, p. 17-28.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London Longman, 1983.

LEVINSON, S.C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MANN, W.C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2010. Disponível em <<http://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>>. Acesso em 02 out 2011.

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. **Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization**. ISI/RS-87-190, 1987.

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. **Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization**. *Text*, 8 (3). 243-281, 1988.

MARTELOTTA, M. (Org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATTOS E SILVA, V. **Português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, R.V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1989.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and “subordination”. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

NEVES, M.H.M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEVES, M.H.M. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual review of Anthropology**, v. 43, 1984, p. 97-117.

OLIVEIRA, S.P. Inferno medieval: uma concepção cristã do espaço dos condenados na Visão de Túndalo. **Plêthos**, 2, 2, 2012 pp. 68-79.

PARDO, T.A.S. **Métodos para Análise Discursiva Automática**. 2005. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo. São Carlos-SP, Junho, 211p.

PAVEAU, M-A; SARFATI, G-E. **As grandes Teorias da Linguística**: da Gramática Comparada à Pragmática. Trad. Rosário Gregolin *et al.* 1.ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEZATTI, E.G. O funcionalismo em linguística. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004.

PEZATTI, E.G.; LONGHIN-TOMAZI, S.R. As construções coordenadas. *In*: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

PIMENTEL, A. M. G. **O Horto do Esposo**: literatura medieval portuguesa para todos. *Todas as musas*, ano 1, número 2, julho de 2010. Disponível em www.todasasmusas.org/02Antonio_Marcos.pdf. Acesso em jan 2012.

PIOVEZANI, C. **Saussure e o discurso**: o curso de linguística geral lido pela análise do discurso. *Alfa*. São Paulo, n. 52 (1), p. 7-20, 2008.

RST. Disponível em <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>>. Acesso 11 nov 2011.

RÚBIO, M.G. **Uma investigação funcionalista das proposições relacionais estabelecidas por orações paratáticas aditivas e por orações paratáticas justapostas**: relações retóricas de lista, de sequência, de condição e resultado, 2011. 89f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. *In*: RENKEMA, J. **Discourse, of course**: an overview of research in discourse studies. Amsterdam: John Benjamins BV, 2009.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, A. C. L. F. *Hagiografia*. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>>. Acesso 10 fev 2012.

VAN VALIN, R.D., JR. Functional linguistics. *In*: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J.(eds.) **The handbook of linguistics**. Malden. Blackwell Publishers, 2002. p.250-263.

VILELA, M.; KOCH, I.G.V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ZIERER, A. Os Relatos de Viagens Imaginárias ao Além e ao Paraíso Terreal em Portugal. *In*: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena"**. Araraquara: Unesp, Ano VIII, nº 15, jan-jun. 1999, p. 121-135.

ZIERER, A. Modelos da Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro. *In*: COSTA, R.; PEREIRA, V. P. (orgs.). **História. Revista do Departamento de História da Ufes**. Vitória: Edufes, nº 9, 2001, p. 41-51.

ZIERER, A. MESSIAS, B.T. **Os monges e as viagens imaginárias ao Além**: a Visão De Túndalo. *Brathair* 11 (2), 2011, pp. 70-84.

ZIERER, A. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). *In*: **Mirabilia 02**. FIDORA, A.; PARDO PASTOR, J. (coord.). *Expresar lo Divino: Lenguaje, Arte y Mística*, 2002. pp.150-184.

ANEXO

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense

13/14 VS5

((VISA~O DE TU'NDALO))

Fólio

124r

((L)) Aqui falla do cavaleiro Tungullo. Era hu~u ma~cebo de dias filho de muy gra~de ((L)) linhagem, mas avia pouco cuidado de ((L)) sua alma. que sua ma~cibya e sua fremosura o tornava ((L)) em pouco siso e em vaydade deste segre. Nem ((L)) avia cuidado de dar esmollas. ne~ de hir aa ig(re)ja ne~ ((L)) de fazer oraçom. E em estas vaydades do mu~do ((L)) era muy ledo e muy oufano. Emp(er)o nosso senhor ((L)) mis(er)icordioso q(ui)s a este home~ mostrar as penas do ((L)) Inferno. e os be~e~s do Parayso por tal de as co~tar depois ((L)) no mu~do. E esto por tomarmos nos outr(os) exe~plo ((L)) de fazer bem. e~ nos guardarmos de mal. Este cavaleyro ((L)) veeo a adoecer de morte. e jazendo asi muito aficado ((L)) como morto tod(os) cuydava~ que era morto. E q(uisero~)-no soterrar se no~ fora por hu~a pouca de que~tura que ((L)) ti'inha no lado se'estro. e por aq(ue)llo o tevero~ t(re)s dias. ((L)) E q(ua)ndo veo ao derradeiro di'a el começou de jemer ((L)) e de falejar. e muitos clerigos e leygos que hy estava~ ((L)) p(er)a lhe fazere~ honrra asi como faze~ a home~ morto. ((L)) q(ua)ndo viro~ aq(ue)llo espantaro~sse muito e el abryo os ((L)) olhos e começou de oolhar. e fez sinall que lhe dessem ((L)) o corpo de Deos. E des que o ouve rrecebydo começou de ((L)) dar muitas graças a Deos e dizer. Ay Deos senhor. muito ((L)) mayor he a tua mis(er)icordia que a minha maldade. ((L)) Gram piedade fezeste/|s|/ sobre my~ senhor (e) me tantas ((L)) penas e tantas t(ri)bulaço~oes mostrastes e de todas

Fólio

124v

me liv(ra)stes e dos aavissos da t(e)rra me sacastes. E des ((L)) que partyo todallas ((L)) cousas que avia e deu-as aos pobres. ((L)) mudou e~ tal guysa sua vida que bem mostrava que muy espantada viera a sua alma das penas que passara ((L)). E muy gram sabor avya de ga~açar os be~es ((L)) que vira e disse. Qua~do a minha alma sayo do corpo ((L)) começou de aver gram medo e no~ sabya cousa que ((L)) fizesse ne~ que dissesse. ne~ a q(ua)ll lugar fosse so'ó e desenparada ((L)) q(ue)rya-sse tornar ao corpo. e o corpo no~ na q(ue)rya ((L)) rreceber. E estando ella asi t(re)me~do e chora~do. ne~bra~do-se ((L)) dos males que fezera. vio vi~ir gram co~panha ((L)) de dyabo'ós. tantos que a casa hu o corpo jazia era chea ((L)) de dentro e de fora. Nom tan soome~te a casa. mas ((L)) ainda todallas rruas e praças todas era~ cheas ((L)) delles. E cerquaro~ a alma de todallas partes e começarom ((L)) de a doestar e espantar muy forteme~te e ((L)) dizia~. Cantemos a esta alma cativa ca~tares de ((L)) morte. que filha he de morte. e he comer de fogo. e amiga ((L)) de tre'e'vas. e e~miga da luz. e co~ grande espanto ((L)) chamavo~na e dizia~lhe. Ay mi'zq(ui)nhã este he o poboo ((L)) que tu escolheste. co~ os q(ua)e'és ardera's no fogo do Inferno ((L)) p(er)a senp(re). Hora dize porque no~ es agora sobrevosa ((L)) como soyas. ou porque no~ fazes discordias. ou porque no~ fornigas. ou porque no~ leva~tas pellejas ((L)) como soyas. hu som os teus devaneos. e a tua va~a~ gloria hu he o teu rrisso hu he. o teu comer e o teu

Fólio

125r

beber que tu avias de que davas muy pouco aos pob(re)s. ((L)) hu som as tuas locuras que tu fazias. Todo ja he passado ((L)) e tu penara's por ello. E a mi'zq(ui)nhã da alma ((L)) ouvya todo. e vendo tam ma'a' visom esteve muy espantada. ((L)) e no~ sabya que fazer ne~ que della fosse. E ella ((L)) estando em tam gram coyta. vyo vi'ir huu~ angeo ((L)) luzente como estrella e salvou-a e começou de a co~fortar. E ella entom co~ prazer começou de chorar ((L)) e dizer. Ay senhor meu e meu padre. do'óres gra~des do Inferno que me ap(er)tam e me cercam e me te~ em gra~ ((L)) pesar e em gram temor. E entom lhe disse o angeo. Agora me chamas senhor e padre qua~do te vees ((L)) e~ coyta. mas no~ q(ua)ndo eras e~ teu poder. E di'z a ((L)) alma. Ay senhor nu~ca te vy seno~ agora q(ua)ndo ouvya ((L)) tua voz muy saborosa. E o ango disse. Senpre ((L)) des que tu naceste eu foy co~tigo p(er)a hu q(ue)r que tu ias, mas tu no~ q(ui)seste cre'e'r os meus co~selhos ne~ fazer ((L)) minha vo~otade. E tendeo ento~ o angeo a ma~ao ((L)) e p(re)ndeo hu~u daquelles dyabo'ó's que del fazia mais escarnho e disse-lhe. Ve'e's. este he o que tu c(ri)a'a's e cuja ((L)) voo~tade fazias. e desp(re)ça/||va||s a my~. mas p(er)o sey segura ((L)) que Deos ha piedade de ty e no~ sofrera's tantas ((L)) penas q(ua)ntas tu m(er)ecias. p(er)o a's de passar p(er) muitas penas. E depois tornar-te-a's ao corpo p(er)a correger ((L)) e e~me~dar tua vida. e por esso para bem me~tes em ((L)) nas cousas e rrete-nas de guisa que te ne~bre~. E os <F125v> diabo'ó's. quando esto ouvya/||r||/a~ começarom aa diz(er) mal de ((L)) Deos. que tí'inha que aq(ue)lla alma era sua e que por aq(ue)llo que a p(er)dyam. ((L)) e dizia~ que Deos non era directo jui'z. E elles me~tiam. ((L)) que Deos direito he senp(re) e que ainda hy ficava tempo d'e~me~da pois a alma avya de tornar ao corpo. E disse e~tom ((L)) o angeo a alma. penssa de me seguyr. diz a alma. ((L)) Ay senhor. ey medo. ey medo destes dyabo'ó's que ((L)) vem depos my~ e me mete~ em pe~nas. Diz o angeo no~ ((L)) ajas medo que mais somos que elles. que Deos he co~nosco e ((L)) ne~hu~u no~ s(er)a' contra no's que n(os) possa enpeecer. E ento~ ((L)) comecaro~ de andar. e a alma no~ via outro lume se no~ o do angeo. E chegaro~ a hu~u valle teebroso e muy ((L)) espantoso e era muito alto e cheo de carvo~oes e tiinha ((L)) hu~a cob(er)tura de ferro que avya sete covodos e~ grosso. ((L)) e ardia asy que semelhava a sua co'ór brasas vivas. e ((L)) o fogo fedia muy ferame~te. e jazia~ sobre el muitas ((L)) almas cativas. e quei'mava-nas e~ sarta~aees acesas. ((L)) E depois que eram derretudas coava~nas. asi como coam ((L)) a cera. e caya~ sobre aq(ue)llas brasas acesas. E q(ua)ndo ((L)) a alma vyo estas cousas co~ gram doo disse ao angeo. ((L)) Rogo-te senhor que me digas que fezero~ estas almas que ((L)) tal pena ham. Disse o angeo. tal pe~na m(er)ecem os ((L)) matadores e os co~sentidores. E tu tal pena m(er)ecias ((L)) mas agora no~ na sofrera's. e guarda-te q(ua)ndo tornares ((L)) ao corpo no~ faças p(er) que estas penas e outras mayores ((L)) sofras. E ento~ disse. ora andemos que longa carreira <F126r> avemos de andar. E ento~ forom p(er) hu~u mo~te ((L)) muy alto e de muy gram temor. e da hu~a parte era ((L)) fedore~to. e da outra neve branca e muy gram ve~to ((L)) e muy gram fryo. E todo o monte de hu~u cabo e do ((L)) outro era cheo de diaboos que estava~ p(re)stes p(er)a tomar ((L)) as almas e tiinha~ forcas de ferro muy grandes co~ ((L)) que enpuxava~ as almas. e dava~ com ellas no fogo. er sacava~nas do fogo e dava~ com ellas na neve. e ((L)) asy andava~ de pena e~ pena. Disse ento~ a alma ao ((L)) angeo. Senhor como poderia passar p(er) estas penas ((L)) disse o angeo anda no~ temas de me seguir. E comecaro~ ((L)) de andar p(er) hu~u valle que era muy escuro. e elles ((L)) no fundo delle. a alma no~ via ne~hu~a cousa. mas ((L)) ouvya muy grande arroydo de hu~u rryo que corrya p(er) ((L)) ell do q(ua)ll saya gram fumo e gram fedor come de carnes ((L)) mortas

que fossem ja podres. E ouvio grandes ((L)) vozes e grandes dores das almas que jaziam e~ ell penando ((L)) de grandes penas. E de hu~u cabo do mo~te ao ((L)) outro estava por ponte hua tavao e~ que avya cinq(u) mil ((L)) passadas em longo e hu~u pee em ancho. Polla q(ua)l ((L)) no~ podya ne~hu~u passar que no~ ouvesse de cayr e~ fundo. ((L)) salvo o que fosse muito escolheito e muy boo. E vyo muitas ((L)) almas cayr em fundo. E vyo vi~ir hu~u peleg(ri)m ((L)) que passava p(er) aq(ue)lla ponte. muy sem medo co~ sua ((L)) escryvina vestida e co~ sua palma na ma~ao. E q(ua)ndo ((L)) o vyo passar atam asinha dissy. Ay meu senhor

Fólio

126v

como poderey passar p(er) esta ponte atam estreita. ((L)) Disse ento~ o angeo no~ ajas medo que livre s(er)a's desta pena ((L)). E entom passou do outro cabo muy sem medo. ((L)) E q(ua)ndo foy da outra pa[rt]e disse a' a'lma ao angeo ((L)). E senhor rrogo-te que me digas de q(ua)es almas he esta ((L)) pena. E o angeo disse. Este valle tam fundo he ((L)) dos sob(re)voss(os). e aq(ue)ste mo~te tam fedore~to e de tantas ((L)) penas. he dos que estam nas carreiras esp(er)ando por ((L)) mal fazer. E disy começaro~ andar p(er) hu~a carreira torta muy maa pella q(ua)ll a alma nom avya out(ro) lume ((L)) seno~ o do angeo. E vyo hu~a besta tam grande ((L)) que sobejava sobre os mo~tes. e era tam fea que non ha ((L)) home~ que o podesse diz(er). Os seus olhos semelhava~ outeiros ((L)) acesos e a sua boca era tamanha que caberia~ p(er) ella nove mil home~es armados. E avya na sua boca duas serpentes. e hu~a ti'í' nha a cabeça co~tra ((L)) juso. e a outra contra suso. E estava em meo de duas ((L)) traves muy grandes que estava~ atravessadas co~ muy ((L)) grandes portas. Em na boca daq(ue)lla besta eram g(ra)ndes ((L)) chamas de fogo que sayam pella garga~ta della e ((L)) queimava as almas. E dentro e~no ve~tre daq(ue)lla besta ((L)) e polla boca della saya~ grandes fedores e grandes ((L)) chamas. e gra~des chant(os) d'almas. E ante a boca ((L)) daq(ue)lla besta estavo~ grandes co~panhas de dyabo'ós ((L)) que atorme~tava~ as almas e as fazia~ entrar e~no ((L)) ventre daq(ue)lla besta. E ento~ disse a alma ao angeo

Fólio

127r

Senhor porque n(os) chegamos tanto a esta besta. E o ((L)) angeo lhe disse. Non podemos nossa carrei'ra faz(er) ((L)) ataa que no~ cheguemos a ella. E entom desapareceo ((L)) o angeo e a alma ficou so'ó'. e logo os diaboos asi como ((L)) ca~aes rroazes travaro~ della e deitaro~na no ve~tre ((L)) daq(ue)lla besta. e as penas que aly soffreo no~ /||a||/ home~ que as ((L)) contasse. Aly soffreo muito fodor e muyto fryo e ((L)) muita que~tura. e outros muit(os) torme~t(os) que se co~tar ((L)) no~ poderyam. E ella jazendo chorando os malles que ((L)) avya fect(os). rreconta~do suas mi~guas por que aquellas penas ((L)) padecia. e a pouca d'o'ó'ra achou-se fora. e no~ soube ((L)) p(er) que guisa sayra. E ella estando. ab(r)yo os olhos e vyo ((L)) o angeo. e disse. Ay minha sp(er)ança e meu bem. que ((L)) graças v(os) posso eu dar por canto bem me avedes ((L)) f(e)c(t)o. E o ango lhe rrespondeo. mayor he a mis(er)icordia ((L)) de Deos que a tua maldade. Penssemos de andar. E elles ((L)) indo viro~ hu~u gram lago e alçavo~se as ondas ((L)) em ell tam altas que nom podyam veer o ce'é'ó. Em /||este||/ ((L)) lago avya bestas espantosas que eram tam g(ra)ndes que ((L)) semelhava~ torres. e das bocas dellas sayam chamas ((L)) de fogo atam grandes que todo aq(ue)ll lago fazia~ ferver. ((L)) E em aq(ue)ll lago estava hu~a ponte que avia e~ longo ((L)) dous mil covodos e era tam estreita como hu~a ((L)) palma da ma~ao. e era chea de clavos muy agudos

((L)). e as almas que p(er) ella passava~ soffrya~ grandes ((L)) penas dos cravos que se lhe metya~ pollos pees.

Fólio

127v

E entom viro~ vi~ir out(ra) alma pella ponte. e estava ((L)) chorando carregada de hu~u feixe de t(ri)go. e q(ua)ndo vyo ((L)) que avia de passar. p(re)guntou ao angeo de q(ua)es almas ((L)) he esta pena. e [o] angeo disse. Esta pena he daq(ue)lles que ((L)) furta~ pouco ou muito. e agora conve~-te que passes p(er) ((L)) ella co~ hu~a vaca que furtaste. Diz ella. se a furtey entreguey-a ((L)). E o ango disse. Entregaste-a porque ha no~ ((L)) podeste encobrir. p(er)o no~ padeçera's tanta pena como ((L)) se a no~ entregaras. E ento~ apareceo aly a vaca muy ((L)) brava e~ guisa que non q(ue)rya p(er) ne~hu~a entrar ((L)) pella ponte. Enp(er)o ouve-a de tomar ao pescoço. e e~ntrou ((L)) co~ ella pella ponte. e indo co~ ella e~ meo da ponte. ((L)) topou co~ aq(ue)lla alma que tragya o feixe do t(ri)go. E ento~ ((L)) rrogou-lhe que o leixasse passar co~ sua vaca. e o outro ((L)) disse. mas leixa-me tu passar co~ meu t(ri)go. E enq(ua)nto asy estava~ ap(er)fiando. avya~ gram medo de cair ((L)) em fundo. e acusava-sse hu~u (con)t(ra) o outro do mal que ((L)) fezero~. por que aquella pena soffryam. e pollo gram temor ((L)) que avia~ de cayr. na~ ousava~ de hir ne~ de tornar. ((L)) E estando e~ este medo. q(ua)ndo oolhou acho/||u||sse da out(ra) parte. e apareceo-lhe o angeo e disse-lhe. Bem sejas ((L)) vi~ido no~ cures jamais de va/||ca||/ que ja della fezeste ((L)) penite~cia. E entom a alma mostrou-lhe os pees chagados ((L)) dos clavos e dizia que non podia andar. E o ango ((L)) disse. Lenbra-te como os avias fortes p(er)a andar em ((L)) vaydades. Penssa de andar que hu~u atorme~tador ((L)) muy negro e muy cruel n(os) esta esp(er)ando e no~ podemos ((L)) fogir ao seu ofi'cio e~na sua pousada. E indo adiante ((L)) p(er) lugares escuros e muy maaos. apareceo hu~a casa rredonda como forno. chea de fogo aceso. ((L)) e q(ue)ymava q(ua)ntas almas achava. E q(ua)ndo a' a'lma ((L)) vyo esta pena. disse ao ango. Ay mizq(ui)nha. ja chegam(os) ((L)) aa porta da morte. E ento~ lhe disse o angeo. Desta ((L)) chama que sal de dentro s(er)as livre. mas entrara's ((L)) dentro hu padecera's muitas penas. E ante a po/||r||ta ((L)) daq(ue)lla casa estava~ muit(os) atorme~tadores. em ((L)) semelhança de carneceir(os) co~ seguras p(er)a espedaçar ((L)) as almas. e p(er)a as esfollar. e des que as avia~ esfolladas ((L)) e espedaçadas dava~ com ellas dentro e~ aq(ue)lla casa ((L)) hu ardiam. e padecia~ grandes penas por luxurya ((L)) e por gargantoice. E qua~do a alma vyo esta pena ((L)) que era tam grande mais que as outras disse ao ango. Rogo-te ((L)) que me livres deste lugar e mete-me e~ outro q(ua)l ((L)) tu q(ui)s(er)es. e di-me de q(ua)es he esta pena. E o ango disse. ((L)) E esta pena he dos luxoryosos e dos garganto~oes. e tu ((L)) no~ podes escusar que ala' no~ entres, que ca~aes rrayvosos ((L)) esp(er)am por ty. E o ango desapareceo entom e os dyaboos ((L)) logo cercaro~ a alma de todallas partes. e tomaro~-na ((L)) e derom co~ ella dentro na casa. E as penas que aly ((L)) soffreo no~ ha coraçõ~ que as podesse penssar. E des que ((L)) foy muito atorme~tada e~ estas penas. e jazendo asy ((L)) coyhada. ella se achou fora. e vyo a clarydade do ango. <F128v> Disse com gram temor. Ay senhor. e hu he aq(ue)lla ((L)) mi's(er)i'cordya que n(os) os ((L)) saybos de Deos dize~. que he muito ((L)) mis(er)icordioso. pois hu he aq(ue)lla mi's(er)i'cordya, que eu ((L)) ey tantas penas passadas. E o ango disse. Por ((L)) essa fi'za som muit(os) e~ganados. que o Senhor asy faz ((L)) mis(er)icordia que non p(er)de justiça. e segundo a sua justiça ((L)) da' a cada hu~u o que m(er)ece. E segundo a sua mis(er)icordi'a p(er)doa muitas cousas do que m(er)ecem aaq(ue)lles ((L)) que as confessam e fazem pendença. e os que a no~ compre~ ((L)) em este

mu~do co~ve~ que a conpram e~ taaes lugares ((L)) e em ta´a´es penas como estas que tu ve´e´s. E ento~ ((L)) disse a alma ao angeo. Ay senhor os que som justos ((L)) di-me por que os traze~ perante estas penas. ou por que ((L)) lhas mostram. E o ango disse. Mostran-lhas por ((L)) que q(ua)ndo vi´rem os maaos que elles leixaro~ que ajam ((L)) mayor alegria. E outro sy que os maaos vejam a gl(or)ia ((L)) que leva~ os bo´o´s por tal que ajam mayor coyta do bem ((L)) que ham p(er)dido. E por esso aq(ue)ll peregrino que tu viste ((L)) passar pella ponte estreita era (crist)a~ao directo. e passou ((L)) todas aq(ue)llas penas. e no~ temya dellas nada ((L)). E entom disse a alma. pois que asi he senhor pe~ssem(os) de andar e av(er) pena. por que depois va´amos ((L)) aa gl(or)ia E ento~ começaro~ de andar. e vyo hu~a besta ((L)) que era muy desasemelhada das out(ra)s que antes avya ((L)) vistas. E avia dous pe´e´s muy grandes e o ((L)) collo muy longo. e pella boca della sayam muy <F129r> grandes chamas de fogo. E esta besta estava sobre ((L)) a boca de hu~u muy grande lago que estava cub(er)to de ((L)) jeada. E comi´a q(ua)ntas almas achava. E depois ((L)) que as comi´a deitava-as de si em aq(ue)lle lago que estava ((L)) cub(er)to de jeada. Asy que sayam de gram que~tura. e e~trava~ em gram fri´ura. E todas aq(ue)llas almas que ((L)) jaziam em aq(ue)lle lago todas se fazia~ p(re)nhes. e q(ua)ndo ((L)) vinham a parir. atam grandes eram os bra´a´d(os) ((L)) que dava~ co~ as do´o´res que avia~ que no~ ha home~ nado que ((L)) as /||podese|| co~tar. assy as molh(er)es come os home~e~s todos ((L)) enp(re)nhava~ e parya~. E no~ parya~ pollos lugares p(er) ((L)) onde soo~e a parir as molh(er)es. mas parya~ pellos braços ((L)). e pellos peit(os), e pellas p(er)nas. E parya~ s(er)pentas e ((L)) bestas que avyam dentes de ferro muy agud(os) e mordiam ((L)) as almas de que sayam. E avia~ em si aguylho~oes ((L)) tortos como armuzellos de pescadores co~ que t(ra)tava~ ((L)) das almas. E tornava~ as s(er)pentas aas ((L)) almas e comi||a||n-has bravame~te em guisa que tamanhos ((L)) eram os braados e os grytos e o arruydo que fazia~ ((L)). que no~ ha home~ no mu~do que os podesse co~tar, E as ((L)) mizq(ui)nhas das almas era nos pe´e´s e nas ma~aos ((L)) e nas p(er)nas. e e~ todollos outros menbr(os) cheas de ((L)) cabeças de s(er)pentas. e rroya-nas forteme~te e~ todoll(os) ((L)) ne~bros co~ que pecaro~. de guisa que lhes chegavo~ aos ((L)) nervos e aos ossos. E ento~ a alma p(re)guntou de ((L)) q(ua)es eram aq(ue)llas penas. Respondeo o angeo. Som

Fólio

129v

daquelles que se fazem muy bo´o´s e melhores que os outr(os) ((L)) e fazem semelhança de o se´e´rem e no~ o sam. e os que ham ((L)) as lingoas agudas e~mal diz(er). e os que ham senp(re) vo~otade ((L)) de mal fazer. E tu porque graveme~te pecaste sofrera´s ((L)) estas penas. E desapareceo-lhe ento~ o angeo. E os dyaboos ((L)) tomaro~ a alma e dero~ com ella ante a besta que a comesse((L)). E a besta engoly-a logo e sofreo aly muitas penas ((L)). E desi a cabo de pouco aq(ue)lla besta deitou-a de ssy e~ ((L)) fundo do lago. E ella assy padecendo grandes dolores ((L)) veo o angeo. e disse-lhe. Vem aca ami´ga que jamais nom ((L)) sofrera´s desta pena. E ti´rou-a ento~ dantre as out(ra)s que hy jaziam e disse-lhe. pensa de me seguir. E entom ((L)) começou de andar avante p(er) muy piores logares que ((L)) ante avia andado. E indo p(er) hu~a carreira muy estreyta ((L)) que decendya p(er)a fundo como se fossem de hu~u mo~te ((L)) muy alto. e semelhava que se deitavom p(er) elle a fundo. ((L)) E quanto mais p(er) elle descendia~ q(ua)nto mais pouco ((L)) via~ p(er) hu avia~ de tornar. E ento~ disse a alma. Senhor ((L)) que carrei´ra he esta que asy he atorme~tada E o ango disse ((L))

E esta he a carreira da morte. e foram descendendo. e viro~ hu~u valle e~ que estava~ muitas forjas de ferreyros e ((L)) ouviro~ muitas vozes e muitos choros. E ento~ disse ((L)) a alma. Senhor. ouves tu estas vozes que eu ouço? E o ango disse. Ouço e co~ven~te que as padeças. Ento~ ((L)) a alma começou de chorar. e logo chegaro~ os dyaboos ((L)) e no~ dis(er)om nada. e tomaro~--na co~ tenazes de ferro acesas <F130r> e derom com ella no fogo. hu jaziam outr(as) muitas almas ((L)) que se derretiam como chumbo. E des que era~ derrytidas ((L)) tornava~--sse como dantes eram. e filhavo~--nas os diabo'ós com garfos de ferro e co~ tenazes e puxava~--nas sobre a forja. e dava~ em ellas co~ maços de ferro ((L)) de guisa que de muitas almas fazia~ hu~a massa. E aq(ue)lles ((L)) diabo'ós diziam hu~us aos outr(os) no~ avonda ainda esto. ((L)) E os outr(os) dizia~. Deitade-as ca a no's. e elles deitavo~--lhas ((L)) e ante que cayessem e~ terra tomavo~--nas co~ tenazes de ferro ((L)) acessas. E dava~ com ellas no fogo. e queymavo~--nas ((L)) ataa que se tornava~ candeas acessas. E ento~ apareceo ((L)) o angeo e tirou-a daly e disse-lhe. como te vay semelha ((L)) te que foram doces os dyleitos do mu~do por que sofres estas ((L)) penas. E alma estava fraca que no~ pode rresponder. E e~to~ ((L)) o angeo lhe disse. Aynda mayores penas ve'e'ra's das ((L)) que viste. mas livre s(er)a's dellas pella mis(er)icordia de Deos ((L)) E todas estas almas que tu viste esp(er)om salvaço~ e outra(s) ((L)) que ainda ve'e'ras. E ento~ começaro~ de andar e viron ((L)) grande espanto de teebras. e ouviro~ tam grande volta ((L)) que semelhava que todollos firmame~t(os) da t(e)rra se movia~. ((L)) e entom o angeo desapareceo. E alma estando so'ó' ((L)) ouvyo vozes e grandes apelidos das almas atam ((L)) grandes como se fossem grandes torvo~oes. E parou ((L)) mentes p(er)a cada parte se veerya algu~u logar e~ que se ((L)) aq(ue)llo fazia. e vyo hu~a cova muy grande. em guisa ((L)) de poço de que se leva~tava hu~a chama de fogo mesturada <F130v> com fumo que semelhava que chegava ao ce'e'ó. E andava~ ((L)) naq(ue)lla chama muitas almas mesturadas co~ ((L)) os diabo'ós. e leva~tavo~--sse como moxo~es e caya~ como folhas q(ue)ymadas e lazeravo~ muy mal en esta pena. E ento~ a' a'lma co~ grande espanto começou de ((L)) chorar e dizia assy. Ay mizq(ui)nha que non q(ui)se cre'e'r as ((L)) esc(ri)turas e os conselhos dos bo'ós. e q(ui)se mais cre'e'r ((L)) o sabor do mu~do. E ento~ os dyabo'ós çcaro~ a alma ((L)) de cada parte bem como abelhas e dizia~. Ay mizq(ui)nha a que vieste aq(ui) ou que~ te aduse a'a's tre'e'vas ((L)) ora seras metida em penas e torme~tos. onde nu~ca ((L)) sayra's e nu~ca av(er)a's lume ne~ alig(ri)a. mas senp(re) avera's ((L)) mal e torme~t(os). E outr(os) dizia~ porque tardam(os) ta~to ((L)) demo~lla a comer a Lucifel. e aq(ue)lles dyaboos eram mais negros que carvo~oes e os olhos delles parecia~ ((L)) fugueiras acesas e os dentes brancos como neve ((L)) e avya~ rrabos como escorpyo~oes e asaas como aguyas ((L)). E hunhas de ferro co~ que estava~ ameeça~do a alma. ((L)) mas no~ lhe podya~ enpeecer. E ella estando e~ tal ((L)) medo chegou o angeo e li'vrrou-a dantre elles. e começou-a ((L)) de //|a|/ confortar. e disse-lhe. Alegra-te ami'ga que liv(re) ((L)) es de mal. e agora anda e amostrar-te'e'y o imii'go ((L)) da humanal linhajem. Começaro~ ento~ de andar ((L)) co~tra o Inferno. e aly vyo o senhor das tre'e'vas. e vyo ((L)) as almas padecer muitas penas que ma'a'ó dia foy ((L)) nado o que aly foy //|e|/vado. E o ango e a alma viia~ as outr(as) <F131r> almas que jazi'am aly. mas ellas no~ podia~ ve'e'r elles ((L)). atam grandes eram as penas que padeci'am. ((L)) E aq(ue)l Lucifel era atam grande que sobejava p(er) todallas ((L)) outras bestas em grandeza. e a fegura del era como ((L)) de home~ des a cabeça ata'a' os pe'e's. e era negro como ((L)) carvo~oes. E n(os) braaços avia muitas ma~aos e avya ((L)) rrabo grande e espantoso. no q(ua)ll avi'a mais de ((L)) mil ma~aos. e cada hu~a

era mais ancha que cem palmos ((L)). E as unhas dos pe'e's e o rrabo era~ cheos de ((L)) aguilho~oes muy agudos. e el jazia sobre hu~u leyto ((L)) de ferro. e de so aq(ue)lle leito jazia~ muit(os) carvo~oes acesos ((L)). E os diaboos sopravo~ aq(ue)lles carvo~oes e ace~dya~nos ((L)). e arredor del estava~ tantas almas que no~ ha ho(me~) ((L)) que as podesse contar ne~ cuydar que tantas almas fossem ((L)) c(ri)adas no mu~do. E ento~ diz que com a coyta g(ra)nde ((L)) que sofria. leva~tava as ma~aos co~ grande ira ((L)) e filhava aq(ue)llas almas e ap(er)tava´a's co~si~go. assy ((L)) como ap(er)tam o bagaço das huvas. e marteirav'as ((L)) de tal guisa que non avia hy ne~ hu~a que ficasse. E desi ((L)) soprava e dava grande inpado e espalhav'as almas ((L)) p(er) muitas p(ar)tes do Inferno. E saya~ do poço e ((L)) voava~ em gram chama de fogo que as qu(e)y mava todas ((L)). E desy rreceby'as todas e~ seu ventre onde padeciam ((L)) grandes penas infernaaes. E se algu~a ((L)) alma fogi'a das suas ma~aos el feria´a' muy mal co~ aq(ue)lle rrabo. E ento~ disse a alma. que cousa he <F131v> esta tam espantosa e tam ma'a'. E o angeo disse. a este ((L)) chama~ Luçifel. que foy o começo das c(ri)aturas de Deos e ((L)) vivia nos dileitos do Parayso. e polla sua sob(er)va abryro~se ((L)) com ell os ce'e'os e a t(e)rra e afundou-se nos a'a'bissos. ((L)) e estes que com elles som forom angeos que cayro~ com ele ((L)) E os outr(os) som dos filhos de Adam que pecaro~ e no~ q(uiser)om ((L)) fazer peendencia. e estes passam pollas penas que tu viste ((L)) e veen-sse a este lugar de que nunca sayram. Diz entom ((L)) a alma rrogo-te que me saques daq(ui) asinha que por ne~hu~a cousa no~ q(ue)rya veer esta visom tam maa que o fedor ((L)) delle me co~fonde mais que todallas outras penas que ((L)) sofry e que passey. E aq(ui) vejo muit(os) me(os) parentes e conhece~tes ((L)) e eu desta co~panha fora. se a mis(er)icordia de ((L)) Deos no~ fora. E entom o angeo co~ alig(ri)a disse-lhe. Ven-te ((L)) bem aventurada que ataa q(ui) viste as penas dos maaos e des aquy veera's a gl(ori)a dos bo'os. Aqui falla da gloria do Parayso. ((L)) Em aq(ue)lla ora o angeo e alma começarom ((L)) a sayr daq(ue)ll ma[a]o logar. E ento~ disse a alma ((L)) com grande aligria. em q(ua)ll guisa foy ora alumiada ((L)) que ante era cega e agora vejo. ante era t(ri)ste e agora ((L)) som alegre. ante avia temor. agora no~ o ey. E ento~ ((L)) disse o ango. Non te maravilhes. que este he o ma~dame~to de Deos. Entom be'e'nzeo-a e chamou-a p(er) seu nome ((L)) e dise-lhe. pensa de me seguir. E indo adeante virom hu~u muro muy alto. e ante o muro vyro~ gram co~panha <F132r>de home~es e dava p(er) elles gra~ sarayva e ve~to. ((L)) e aviam gram fome e sede e syam t(ri)stes enp(er)o avia~ luz ((L)) e no~ avia~ fedor. E entom a alma p(re)guntou ao angeo ((L)) de q(ua)es almas era aq(ue)lla folgança. que seg(undo) o mal que vira ((L)) padecer aas outras almas parecia-lhe aq(ue)llo folga~ça. ((L)) E o angeo lhe disse. Estes som os que no~ foro~ muy maaos ((L)) e penssarom de se guardar. mas porque no~ despendero~ ((L)) aquello que lhes Deos dera como devya~. sofrem esta pena algu~ ((L)) t(en)po. E depois iram aa gl(ori)a. E ento~ foro~ adiante e ((L)) viro~ hu~a porta que se abria deseu ((L)) e entraro~ p(er) ella e viro~ ((L)) hu~u campo muy fremoso e muy frolido e de ((L)) muy boo odo'or. E estava~ hy muitas almas. e hy avya ((L)) hu~a fonte de agua vi'va. E ento~ disse a alma ((L)) beento seja o nome de Deos que ell me q(ui)s livrar das penas ((L)) da morte. e agora vejo eu o que diz a escriptura. Que ((L)) olhos no~ viro~ ne~ coraço~ no~ no cuydou. ne~ orelhas ((L)) no~ o ouvi'ro~. tanto bem. q(ua)nto Deos tem guardado p(er)a os ((L)) que //lo// ama~. Rogo-te que me digas de q(ua)es he esta folgança ((L)) tamanha e este lugar tam bo'oo'. e esta fonte como ((L)) ha nome. E o angeo disse. aq(ui) mora~ os boos. e porque no~ forom p(er)feitos como devero~. no~ lhes derom lugar ((L)) hu vivessem co~ os Sant(os). e estaro~ aq(ui) seu t(en)po ate'e' que

Deos ((L)) ma~de. E a fonte ha nome fonte de vida. e o que della beber ((L)) nu~ca morrera'. E indo assi adiante. viro~ hu~u paaço ((L)) muy nob(re). e viro~ hy dous rreys e outros muitos ((L)) que a alma conhocia. e p(re)guntou ao angeo e disse. Que <F132v> he esto que vejo que estes forom antre sy imiigos e ((L)) de maa vida. E o ango disse. Sabe que ante que morrese~ ((L)) fezerom conp(ri)da penite~cia. que hu~u delles jouve doente ((L)) muy gram t(en)po e partyo o que avya co~ os pobres. e pormeteo ((L)) que se daly es//ca//passe que se metesse e~ hordem. E o outr(o) ((L)) assy padeceo mal lo~go t(en)po. e party//o// o que avia co~ os pob(re)s ((L)) por amor de Deos. e por esto som e~ aq(ue)ste logar. E tu co~tara's ((L)) todas estas cousas q(ua)ndo fores no mu~do. ((L)) E desy forom adeante. e viro~ hu~a casa muy honrrada ((L)) d'ouro e de prata e de pedras p(re)ciosas. e no~ estava ((L)) e~ ella fre'e'stra ne~hu~a. E entraro~ dentro muy sem ((L)) medo. aly era a clarydade tal como o sol. e a casa era ((L)) ancha e rredonda e no~ avi'a traves ne~ esteos ne~ paredes ((L)) que a ma~tevesse~. e era estrada d'ouro e de pedras p(re)ciosas. E vio seer hu~a seeda d'ouro muy p(re)ciosa e~ ((L)) que si'ia hu~u rrey vestido de ta'as vesti'duras q(ua)es ell ((L)) nu~ca vira ne~ home~ no~ no poderya contar e vyrom ((L)) ante el muit(os) que lhe offereciam do~oes que lhe traziam ((L)). E desi vi'o vi~ir muitos sanct(os) co~ suas rri(liq(ui)as ((L)) e co~ muitas vestime~tas e co~ calez d'ouro e orname~tos ((L)) d'ouro. e co~ arquas d'ouro e~ que tragia~ suas ((L)) reliq(ui)as. e punhanas ((L)) sob(re) tavoas muy fremosas. ((L)) E q(ua)ntos estava~ em aq(ue)lla casa todos fi'cava~ os joelhos ((L)) ante aq(ue)ll rrey e dizia~ hu~u vesso do psalteiro ((L)) que diz asy. {{Labores manuu~tua(rum) q(ui) manducabis. ((L)) beatos es (et) bene tibi erit.}} esto diziam elles. porque <F133r> lhes elle avia feitas muitas esmollas. E ento~ ((L)) disse a alma. que he esto que non vejo aqui de cant(os) servia~ ((L)) este rrey q(ua)ndo era vivo. E o angeo disse. no~ ((L)) som estes da conpanha que eram co~ ell no mu~do. ((L)) mas aquelles som aos que elle dava as esmollas ((L)) por amor de Deos e por esso o rrecebem atam bem. e ((L)) tam honrradame~te. E a alma lhe p(re)guntou. este ((L)) rrecebeo algu~a pena des que aq(ui) veo. E o ango rrespondeo. ((L)) aguardemos e veera's. a cabo de pouco foy ((L)) a casa tam escura e q(ua)ntos estava~ em ella todos //se// tornarom ((L)) t(ri)stes. El rrey foy torvado e leva~tado da ((L)) sua seeda chora~do e foy fora della. e aq(ue)llas co~panhas ((L)) alçava~ as ma~aos ao ceo rrogando a Deos por ((L)) ell e diziam. Senhor poderoso como tu por bem ((L4230)) teveres e como sabes que lhe faz mester. ave mercee ((L)) deste teu s(er)vo. Entom a alma olhou e vyo ((L)) jazer no fogo ataa o inb(i)go. e do inb(i)go acima vestido ((L)) de cilicio. E a alma disse. porque soffre esta pena ((L)) ou q(ua)nto aa de sofrer. E o ango disse. p(er) espaço ((L)) de tres oras antre nocte e dya soffre esta pena. e folga ((L)) #XXj hora asi como tu viste. O fogo soffre porque ((L)) fez adulteryo. o celycio porque fez matar hu~u co~de ((L)). E desy forom adeante e virom hu~u logar ((L)) muy alto e muy fremoso todo d'ouro e de prata ((L)) muy fremosame~te obrado. e no~ vio hy porta ne~ ((L)) entrada. p(er)o q(ua)ndo se catou achou-se dentro. Aly <F133v> vyo muitas conpanhas. que diziam asy. Gloria seja ((L)) dada a ti Deos padre. gl(or)ia a ti filho. gl(or)ia a ty Sp(ir)itu S(an)c(t)o. ((L)) Todos eram vestidos e avia~ grande aligrya e g(ram) ((L)) goyvo. e lou//va//vam senp(re) a Deos. os so~os dos seus cantares ((L)) sobrepojava~ sobre todollos estorme~t(os) que hy eram. ((L)) E aly era hu~u canpo muy fremoso e muy dilleitoso. ((L)) e muy nob(re) e de muy bo'ó odor que o seu odor vencia todollos ((L)) odores do mu~do. E a alma disse. rrogo-te que fiq(ue)mos ((L)) aq(ui) em esta folgança. E o ango disse. ainda que te estas cousas semelha~ grandes. ainda veera's ((L)) outras mayores. E a alma disse. de q(ua)es he he esta ((L)) gl(or)ia. E o ango disse. dos

bem casados que lealme~te ((L)) vivero~ fazendo bo'ó'as obras. orando e jejuua~do e ((L)) dando esmollas aos pobres. Vaamos adiante e ((L)) veera's mayores cousas e mais nobres. e asy como ((L)) hyam adiante passava~ p(er) muitas co~panhas que ((L)) lhes inclinava~ as cabeças e rrecebia~n(os) muy be~ ((L)) co~ grande aligrya e sal[va]va~ a alma p(er) seu nome e diziam ((L)) todos. Glorya seja a ty dada senhor padre poderoso ((L)) que segundo a tua mis(er)icordia q(ui)seste livrar a esta ((L)) alma dos torme~tos do Inferno. e q(ui)seste-a ajuntar co~ ((L)) os teus sanct(os). E indo asi adiante viro~ hu~u muro ((L)) de muy nob(re) ouro. e era mais fremoso que a alma ((L)) se deleitava mais e folgava e~ oolhar a sua fremusura ((L)) que em todall[o]s outr[o]s que avia vist[o]s. E des que ((L)) se acharom dentro. aly viro~ tantas seedas d'ouro <F134r> e de pedras p(re)ciosas cubertas de pano d'ouro e de seda. ((L)) Aly sii'am home~es e molh(er)es muy fremosos vistid(os) ((L)) de muy fremo/||sa||s vistid/||ura||s taaes que non ha home~ no ((L)) mu~do que os podesse contar. E avia~ coroas d'ouro nas ((L)) cabeças que rresprandecia~ como o sol e tiinha~ veeos d'ouro. e livr(os) muy fremos(os) de let(ra)s d'ouro. e q(ua)ntava~ ((L)) q(ua)ntos doces. E q(ua)ndo a alma vio tanta alig(ri)a. ouve ((L)) tam grande sabor que lhe esquecia~ todoll(os) outr(os) sabores ((L)) que avia vist(os). E p(re)guntou ento~ /||a||/ o angeo de q(ua)es ((L)) era aq(ue)lla folgança. E o ango disse. he daq(ue)lles que ((L)) rrecebero~ marteiro por amor de Deos. e por esso rrecebe~ ((L)) tanta honrra como tu ve'e's. Outros som que viverom ((L)) em castidade. Entom olhou a alma a todas ((L)) partes. e vio muitos castellos e muitas torres e muitas ((L)) tendas d'ouro e de seda e de purpura e de c(ris)tal. e ((L)) de pedras p(re)ciosas muy maravilhosame~te obradas ((L)) e co~postas. E em as cordas dellas vi'o estar cordas ((L)) d'orgo~os e vi'ollas. e psalteir(os). e outr(os) muit(os) estorme~t(os) ((L)) de muitas maneiras. E entom p(re)guntou a alma ((L)) cuja he esta gloria. E o ango disse. dos que vivero~ e~ hordem de obeediencia e sofrero~ muitas penas e ((L)) dava~ muit(os) louvores a Deos. E a alma disse. q(ue)rya ((L)) se te prouesse ve'e'r aq(ue)lles que estam dentro. E o ango ((L)) disse. p(ra)z-me que os vejas mas no~ podera's la entrar. ((L)) porque estes estam senp(re) ante a p(re)sença de Deos. E no~ pode ((L)) se'e'r da conpanha dos sanct(os) se no~ for v(ir)ge~. E desy <F134v> forom adi'ante e vi'rom gram conpanha de rreli'giosos ((L)) e as suas vozes eram atam doces que sobrepojavam ((L)) sob(re) q(ua)nt(os) cantares e so~os avia ouvid/||os||/. e a ((L)) clarydade era aly muy grande e o odor que aly avya passava((L)) toda a outra gl(or)ia. E os estrome~tos que aly eram ((L)) sem trabalho ne~hu~u davo~ os so~os segundo a vo~otade ((L)) daq(ue)llas conpanhas. E qua~do cantavo~ no~ movya~ ((L)) os beiços. ne~ trabalhava~ em cantar. mais ((L)) muito fremosame~te cantava~. os seus so~os sob(re)pojava~ sob(re) todollos estorme~tos em sabor. E o firmame~to ((L)) era como ceo sob(re) as suas cabeças ((L)) muy fremoso. do q(ua)ll estava~ penduradas cadeas ((L)) d'ouro muy fremosame~te lavradas. e~ que estava~ ((L)) arredomas e vasos muy fremosos. E em estas cadeas ((L)) voava~ muit(os) angos que cantavo~ muy doces ((L)) cantos. E a alma q(ue)ria ficar em aq(ue)lle logar. e o ango ((L)) lhe disse. Oolha. e veera's hu~a arvore muy gra~de ((L)) e muy fremosa chea de flores e folhas e de fructas ((L)) de muitas maneir'as. e estava~ em ella aves de ((L)) muitas maneiras de collores que cantavo~ muy ((L)) maravilhosame~te cantares muy doces. E em os ((L)) rramos desta arvore estava~ muitos lirios e muitas ((L)) rrosas. e hervas de muitas naturas que dava~ de sy ((L)) muy bo'ó' odor. E so aq(ue)lla arvore estava~ muitas ((L)) co~panhas ase'e'ntadas e~ cadeiras d'ouro. e de marfil ((L)) em que siiam louva~do ao senhor Deos pollos muit(os) <F135r> be~es que lhes dava. E eram vistidos de muy fremosas ((L)) vistiduras. e tiinham coroas muy

/||r||/sprandece~tes ((L)) em suas cabeças. E ento~ disse a alma. Senhor ((L)) di-me que significa esta arbor. ou que conpanhas som ((L)) estas. E o ango disse. Esta arbor significa a s(an)c(t)a ((L)) ig(re)ja. e estes que estam so ella som aq(ue)lles que a bem guardaram. ((L)) e bem acrece~taro~ p(er) seus bo'os m(er)ecime~tos ((L)) e porque leixarom o mal e obraro~ bem. fazendo s(er)viço ((L)) a Deos. rrecebem tanta honrra e tanto bem como tu ((L)) ve'e's. E desy foram adiante. e viro~ hu~u muro que era muy desasemelhado dos outr(os) que avia visto. e~ ((L)) alteza e em fremosura e em clarydade. E era fecto ((L)) d'esmera/|||||/as e de marage~es e de rrobi'is e de c(ri)sta'as e de jaspes. e doutras muitas maneiras de collores ((L)) de pedras. E tanto era fremoso que muy gram maravilha ((L)) era. E ento~ começaro~ de sobir p(er) elle. e viro~ ((L)) outras tantas maravilhas. que no~ ha coraçõ~ que as ((L)) podesse penssar. E aly vi'õ as nove orde~es dos a~gos ((L)) e dos archangos e de virtudes e potestates e ((L)) de principados e domi'naço~oes. e de tronos e de cherubim ((L)) e de serafim. E a alma disse. que cousas som ((L)) estas que vejo tam nobres. e tam estranhas em bondade((L)). E o ango disse hu~u vesso do psalteiro que diz ((L)) asy. Ascuyta filho e ouve e non ajas cuidado da ((L)) casa do teu padre. ne~ do teu poboo. que o senhor cobii'ça ((L)) muito a tua fremosura. E que podessemos dizer <F135v> aquelles be~es manifestos gram cousa seria e nobre. e que ((L)) gram sabor e grande honrra he se'e'r na conpanha dos ((L)) angos e dos arca~gos e dos p(ro)fetas e ve'e'r a conpanha ((L)) dos apostollos tam honrrada. e a conpanha dos marteres ((L)) tam fremosa. e a conpanha das v(ir)ge~es tam amorosa ((L)). e ouvir os seus cantares novos e tam saborosos ((L)). E sobre todo ve'e'r a façe do nosso senhor Deos ((L)) que he çima de todollos be~es. E diz que daly donde estava ((L)) vi'ia a gl(ori)a daq(ue)lles p(er) onde passara. e vi'ia as penas ((L)) que avia leixadas. E podiam veer a todas partes do ((L)) mu~do ainda que non tornasse a hu~a parte ne~ a outra. ((L)) E podiom veer tras si. e non tan so'õ me~te era acrece~tame~to ((L)) a alma em o veer. mais ainda podia saber ((L)) todallas cousas sem p(re)guntar por ne~hu~ua. E ento~ ((L)) veo Sam Rrodeno confessor e disse-lhe. Deos guarde a ((L)) tua entrada. e a tua sayda por senp(re) jamais. Sabe que ((L)) eu som Sam Rrodeno confessor. e oje p(er) direito o teu ((L)) corpo devia a se'e'r soterrado. E desy veo Sam Pat(ri)cio ((L)) ap(os)t(olo) do pobo'õ de Ybernia co~ gram conpanha de b(is)pos ((L)) que el conhocia. E a par destes q(ua)tro b(is)pos. vyo se'e'r ((L)) hu~a cadeira muy honrrada. e no~ si'ia em ella nemgue~ ((L)). E ento~ disse a alma. esta cadeira de que~ he? ((L)) E dise-lhe hu~u delles que avia nome Malachias. ((L)) Esta cadeira he p(er)a hu~u nosso companheiro. e esta' aqui aparelhada p(er)a q(ua)ndo elle vi'er. E a alma estando ((L)) em tanto p(ra)zer disse-lhe o angeo. Conve~te que te <F136r> tornes ao teu corpo. e contara's todas estas cousas ((L)) que viste. por tal que o/||s||/ que te vi'rem e esto ouvire~ que ((L)) tome~ exenplo de bem fazer e guardar~sse de mal. ((L)) e tu outrossy penssa de te guardar que a minha /||a||/juda se~pre ((L)) seera contigo. E a alma estando co~ gram pesar ((L)) por que a ma~dava~ tornar ao corpo. no~ catou se non ((L)) q(ua)ndo se achou no corpo. E abrio os olhos e vio os ((L)) que estava~ arredor dell. e demandou pello corpo de Deos ((L)) como ja dicto he. Depois partio q(ua)nto avia com ((L)) os pobres. e começou de p(re)gar a palavra de Deos. p(er)o non sabya dante as esc(ri)pturas. E p(re)gava de guysa ((L)) que todos se espantava~ das palavras que dizia. e ((L)) cousas que fazia. E por que aq(ui) som dictas muitas nobres ((L)) cousas da vida bem aventuradas. muito som ((L)) ainda mais melhores. ca segundo diz a escript(ur)a. ((L)) aly som tod(os) fremosos sem fealdade. e sano'õs ((L)) sem infirmitade. e ligeir(os) e soti'is sem embargo. muy ((L)) sabedores sem ensina-llos

ne~gu~u. rrycos sem mi~gua ((L)) ne~hu~a ham vida sem morte. alig(ri)a sem t(ri)steza ((L)). amor sem engano. ave'e'nça sem arroydo. segurança ((L)) sem temor. E outras muitas andanças ((L)) bo'ó'as que av(er)am os cidada~aos que morare~ na cidade do ((L)) Parayso que seeram parelha. dos angos. e ve'é'ram o Rey ((L)) da gloria e a sua nobreza. e seeram çert(os) de av(er)em ((L)) bem p(er)a senp(re). e de nu~ca p(er)derem o bem que posuem. ((L)) De fremosura av(er)am tanta que vencera~ o sol [de] clarydade

Fólio

136v

. E depois do dia do Jui'zo o sol s(er)a' entom sete ((L)) vezes mais claro. e os bem ave~turados sete vezes ((L)) cada vez mais. e som asi q(ua)renta e nove vezes ((L)) mais fremosos que o sol. Saude av(er)am em sy tal. que ((L)) no~ av(er)am mingua ne~hu~ua de olho ne~ pe'e'. ne~ de ((L)) ma~ao. ne~ doutros ne~hu~us membros. E se os aca ((L)) ouvero~ men(os) aly os av(er)am conp(ri)dame~te. Jamais ((L)) nu~ca s(er)am corrutos ne~ desenparados. ne~ doentes ((L)) s(er)am tam ligeiros que em hu~u feri de olho iram do ((L)) ouriente ataa o' o'cidente. E do ceo aa t(e)rra tam ((L)) asi'nha como o cudo do home~. E s(er)am atam soti'ís que entrara~ nas casas ainda que as portas estem çarradas ((L)). assi como Jhesu Cristo entrou aos apostollos ((L)) estando aas portas çarradas. Trespassarom pellas paredes tam sotilmente como o so~o da palavra. ((L)) E se'e'ra~ tam sabedores. que se lhe non abscondera' nada ((L)). Ca em Deos veera~ todallas cousas. e sabera~ o que ((L)) foy e o que he. E conhecero~ todoll(os) home~es. e saberom ((L)) as obras delles por que som p(er)didos.ou por que som salvos ((L)) E avera~ o ve'é'r tam claro. que ve'e'ra ante sy e tras sy ((L)) Se'e'ram tam rrycos. que lhes non fallecera' nada. Nem ((L)) av(er)am cob'i'í'ça de av(er)es. ne~ av(er)am enveja doutr(os) que ((L)) ajam mais. que cada hu~u s(er)a' conte~to do que lhe Deos da. ((L)) A ali'gria que averam tam grande. seram tam ledos que ((L)) nunca q(ue)daram de cantar e de louvar a Deos. e senp(re) se delei'tara~ em fazer p(ra)zer a Deos. E amar~sse outrossy hu~us <F137r> com os outros em carydade p(er)feita. de guisa que a gl(or)ia ((L)) que hu~u ouver. ao outro prazera' tanto como da sua. ((L)) E o que ha peq(ue)no galardom. av(er)a' tamanho p(ra)zer do ((L)) outro que o ouver mayor como se o elle ouvesse. E ave'e'nça ((L)) av(er)am (ta)m grande ant(re) sy que o que hu~u q(ui)s(er) eso ((L)) q(ue)reram os outr(os). e o que os outr(os) q(ui)s(er)em esso q(ue)rera' elle ((L)). E todos em hu~u q(ue)reram aq(ue)llo que Deos q(ui)ser. out(ra) ((L)) cousa non. Segurança av(er)am que non temera~ fome ((L)). ne~ sede, nem fryo. ne~ morte. ne~ outra ne~hu~a ((L)) t(ri)bulaçom. ne~ p(er)seguico~. Averam folgança que ((L)) senp(re) lhes durara'. Averam vida longa. que senp(re) ((L)) lhes durara' em prazer. {{in secula seculoru~.}} E por ((L)) esto diz a esc(ri)ptura. non ha ente~dime~to que non faleça ((L)) em cuidando e em penssando em na gl(or)ia de ((L)) Deos. Que segundo diz o apostollo. olhos non vyrom. ((L)) ne~ coraçõ~ ne~ pode penssar. ne~ orelhas non ((L)) podem ouvir. o bem e o guallardom da gl(or)ia de Deos. ((L)) Onde diz Sancto Agostinho. aq(ue)llo que Deos tem p(er)a ((L)) os que elle ama. nu~ca pode caber em esp(er)ança ne~ ((L)) en penssame~to. ne~ em cob'i'í'ça. ne~ em desejo. Ne~ ((L)) pode seer penssado em carydade ne~ em amor. E certame~te que o bem se pode aver. mas non se pode penssar. E por em amigos rroguem(os) ao nosso Senhor ((L)) Deos que n(os) mostre aq(ue)lla bem aventurada gl(or)ia. e n(os) de aq(ue)lles be~es p(er)durave'és que tem guardados ((L)) p(er)a os seus amigos. amem.